



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

KAREN CRISTINA LEANDRO

**LETRAS DOS POETAS ESQUECIDOS:  
A BOEMIA LITERÁRIA NA BELLE ÉPOQUE PAULISTANA**

---

Londrina  
2012

KAREN CRISTINA LEANDRO

**LETRAS DOS POETAS ESQUECIDOS:  
A BOEMIA LITERÁRIA NA BELLE ÉPOQUE PAULISTANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciência e Letras Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História Social, Culturas, Representações e Religiosidades.

Orientador: André Luiz Joaquinho

Londrina  
2012

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina.

### Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L437L Leandro, Karen Cristina.

Letras dos poetas esquecidos: a boemia literária na *Belle Époque*  
paulistana / Karen Cristina Leandro. – Londrina, 2012.  
100 f.

Orientador: André Luiz Joanilho.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de  
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação  
em História Social, 2012.

Inclui bibliografia.

1. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. 2. História social –  
Teses. 3. Boemia – São Paulo – Teses. I. Joanilho, André Luiz. II.  
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas.  
Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1

KAREN CRISTINA LEANDRO

**LETRAS DOS POETAS ESQUECIDOS:**  
A BOEMIA LITERÁRIA NA BELLE ÉPOQUE PAULISTANA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciência e Letras Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História Social, Culturas, Representações e Religiosidades.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. André Luiz Joanilho  
UEL – Londrina – PR

---

Profa. Dra. Célia Regina da Silveira  
UEL – Londrina – PR

---

Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes  
UEL – Londrina – PR

Londrina, 9 de março de 2012.

Aos meus pais, Eva e Mateus pelo carinho e dedicação que mesmo longe sempre me inspiravam, incentivando-me a continuar.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pela presença constante em minha vida dando-me grandes oportunidades de viver e aprender.

Aos meus pais Eva e Mateus, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo ensinamentos e conselhos úteis para a vida me incentivando sempre a continuar apesar da distância e das saudades.

As minhas amigas, Roberta Barbinato e Tais Maciel, pela paciência e dedicação, pelas horas de incentivo e por tudo que fizeram e continuam fazendo por mim.

A Aline Vila Verde, pelas tantas vezes que me fez rir.

Ao meu orientador, Prof. Dr. André Luiz Joanilho, pelos valiosos ensinamentos, disposição, dedicação, prontidão se fazendo presente sempre que necessário, e ajuda dispensada a mim não medindo esforços para que a conclusão deste trabalho acontecesse.

A banca examinadora pela disposição, a todos os professores, acadêmicos e funcionários que tornaram gratificante minha passagem pela Universidade.

E a meus amigos, especialmente a Verediana Carolina da Silva pela sua ajuda, disposição, pelos momentos compartilhados, pelos incentivos, pela sua prontidão e amizade impagáveis não medindo esforços para que a conclusão deste trabalho acontecesse.

LEANDRO, Karen Cristina. **Letras dos poetas esquecidos: a boemia literária na belle époque paulistana**. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

## RESUMO

Mais que retomar a história da literatura no Brasil, este estudo pretende estabelecer as representações sociais da escrita e leitura no período do final do século XIX e início do XX, enfatizando a discussão sobre como esses autores foram classificados em grupos distintos: os que permaneceram imortalizados por suas obras, e os que “despontaram para o anonimato”, ou, “autores-poetas” que foram esquecidos e não entraram para os cânones literários. Utilizando a palavra “boêmia” aplicada ao que os manuais de crítica literária, brasileiros consideram como “subliteratura” ou literatura passadista, ou seja, que aparecem entre grandes períodos ou gerações poéticas, num momento de rotina literária, podendo ter maior ou menor duração dependendo do período que a antecede ou precede, pode-se propor uma discussão a respeito de como se “fabrica” um literato de prestígio, e quem é que decide o seu prestígio. Desta forma, desvendar de quem é o mérito por alguns autores despontarem para o anonimato é tão interessante quanto descobrir quem de fato foram esses boêmios, ou subliteratos. A análise de algumas teorias nos aproxima da relação do leitor com o texto, apontando marcas de distinção simbólicas.

**Palavras chave:** Práticas de leitura. Apropriação. Legitimação.

LEANDRO, Karen Cristina. **Letters of forgotten poets: a literary bohemian belle époque** in São Paulo. 2012. 100 f. Dissertation (Master in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

### **ABSTRACT**

More than resume the history of literature in Brazil, this study aims to establish the social representations of reading and writing during the end of the XIX century and beginning of XX, emphasizing the discussion of how these authors were classified into distinct groups: those who remained immortalized by their works, and that "emerged to the anonymity," or "author-poets" that were forgotten and did not enter the literary canons. Using the word "bohemian" applied to the manuals of literary criticism, brazilian consider as "underliterature" or walkway literature, in other words, that appear between extended periods or poetic generations, at a time of literary routine, may have higher or lower duration depending on the duration period that precedes or follows, may propose a discussion about how to "manufacture" a writer of reputation, and who is to decide its prestige. Thus, reveal the substance of who is the merit for some authors to emerge in anonymity is so interesting as finding out who in fact was those bohemians, or underwriters. The analysis of some theories approach us of the relation between the reader and text, pointing out symbolic distinction marks.

**Keywords:** Reading practice. Appropriation. Legitimation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 DOS TEÓRICOS E TEORIAS</b> .....	18
1.1 PIERRE BOURDIEU .....	18
1.2 ROGER CHARTIER .....	37
1.3 PRÁTICAS NÃO EXCLUSIVAS DOS LETRADOS .....	45
<b>2 NOTAS SOBRE O CORREIO PAULISTANO E O ALMANACH LITTERARIO</b> .....	51
2.1 CORREIO PAULISTANO .....	51
2.2 ALMANACH LITTERARIO .....	59
<b>3 OS HOMENS DE LETRAS</b> .....	65
3.1 JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA .....	65
3.2 OS OUTROS .....	66
3.3 DR. PANGLOSS “NA RUA” .....	68
3.4 HOMERIM TOCA A “FLAUTA DE PAN” .....	72
3.5 TODA LYRA & WENCESLAU DE QUEIROZ .....	74
3.6 OS EDUARDOS DE LETRAS & OUTROS .....	77
<b>CONCLUSÃO</b> .....	83
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85
<b>ANEXOS</b> .....	88
ANEXO A – Correio Paulistano, 15 de maio de 1888 .....	89
ANEXO B – Correio Paulistano, 15 de maio de 1888 .....	90
ANEXO C – Correio Paulistano, 15 de maio de 1888 .....	91
ANEXO D – Correio Paulistano, 25 de Janeiro de 1890 .....	92
ANEXO E – Correio Paulistano, 1 de fevereiro de 1890 .....	93
ANEXO F – Correio Paulistano, 9 de fevereiro de 1890 .....	94
ANEXO G – Correio Paulistano, 15 de fevereiro de 1890 .....	95

ANEXO H – Correio Paulistano, 15 de fevereiro de 1890 .....	96
ANEXO I – Correio Paulistano, 6 de fevereiro de 1890.....	97
ANEXO J – Correio Paulistano, 15 de março de 1890.....	98
ANEXO K – Correio Paulistano, 20 de abril de 1890 .....	99
ANEXO L – Correio Paulistano, 23 de fevereiro de 1890.....	100

## INTRODUÇÃO

### As Letras dos Poetas Esquecidos

Este trabalho tem por objetivo estudar a boemia literária em São Paulo do final do século XIX e início do XX – período em que o Brasil vive a sua *belle époque*<sup>1</sup> – através de “autores-poetas” desta época que foram esquecidos, e em alguns casos nem ao menos são citados em antologias literárias, isto é, simplesmente excluídos dos cânones literários.

O tema é *As Letras dos poetas esquecidos*, pois considera a relevância de poesias, poemas, sonetos, contos e folhetins publicados em jornais e revistas do final do século XIX que não constam em manuais de literatura atuais no processo de legitimação e distinção de obras literárias, bem como auxilia no entendimento destes processos de caracterização de um texto em erudito ou popular, em superior ou inferior, incluindo-os ou excluindo-os.

Neste processo qualificativo, a justificativa apresentada para excluir estes poetas consiste no fato de que eles pertenciam a uma boemia literária. Não colocada aqui como um grupo ou agremiação a qual pertenciam conscientemente, mas por apresentarem características comuns, tais como: propensão à farra e à diversão, o uso exacerbado de álcool e as visitas noturnas aos cemitérios, os encontros literários e saraus; a não necessidade em dar continuidade à carreira literária depois de concluídos os estudos, em sua maioria em Direito. Por exemplo: os estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco em São Paulo, que se ocupavam do ofício das letras e da produção de textos literários na qualidade de estudantes, seguindo posteriormente carreiras distintas no Direito e na Política; finalmente pela não precisão científica e estética, ou seja, como não se tratava de uma carreira literária, permitia maior flexibilidade, não vinculados somente à

---

<sup>1</sup> Segundo Eric Hobsbawm, de meados dos anos 1890 à Grande Guerra, a orquestra econômica mundial tocou no tom maior da prosperidade, em vez de, como até então, no tom menor da depressão. A afluência baseada no “boom” econômico, constituía o pano de fundo do que ainda é conhecido no continente europeu como “*belle époque*”. A passagem da preocupação à euforia foi tão súbita e dramática que os economistas comuns procuravam algum tipo especial de força externa para explicá-la, um *deus ex-machina* que encontraram na descoberta de enormes reservas de ouro na África do Sul ([...]) Felizmente para a “*beleza*” da *belle époque*, a economia estava estruturada de maneira a transferir essa pressão dos lucros para os operários, tornando a economia dinâmica. Cf. “a Era dos Impérios”, páginas 73-77.

No Brasil *belle époque* significa nada mais que uma época de beleza e ostentação onde existe o desejo de “ser estrangeiro”, neste caso aos moldes franceses e ingleses.

cientificidade nem às regras de uma “escola literária”, possibilitando que seus escritos tivessem características de várias escolas ou de nenhuma.

Os autores selecionados para exemplificar este mundo poético-boêmio foram retirados do *Almanach Literário de São Paulo* e do Jornal *O Correio Paulistano*. Durante o período pesquisado, houve vários poetas que aqui não serão citados, pois os pseudônimos, a curta frequência com que publicavam e a ausência de biografia e bibliografia foram fatores decisivos no processo de escolha. Neste trabalho foram abordados oito autores; Joaquim Xavier da Silveira (1864-1912), André Nunes da Silva (não consta biografia do autor) e Raymundo de Camargo (não consta a biografia do autor) tiveram seus trabalhos publicados no *Almanach Litterario de São Paulo*.

Wenceslau de Queiroz (1865-1921), Homerim (possuía uma coluna diária no Jornal *O Correio Paulist ano*, mas utilizava pseudônimo, dificultando sua identificação), Eduardo da Silva Chaves (embora tenha um grande número de publicações, não há biografia disponível) Eugênio Leonel Ferreira (a referência que se tem é que Eugênio se casou em 1873 com Maria das Dores Moraes, no entanto também não consta data de nascimento e morte) Adelino Fontoura (1859-1884).

Trabalhar a cidade de São Paulo nas últimas décadas do século XIX permite duas observações: a primeira diz respeito a uma cidade em transformação, que deixa de ser provinciana e molda-se no desígnio de se parecer com as cidades francesas, na questão da arborização, da urbanização, dos casarões e espaços para encontros sociais e o desenvolvimento cultural.

A segunda observação diz respeito a própria concepção que se tem de São Paulo em relação ao Rio de Janeiro (visto como capital cultural que irradia tendências culturais para o restante do país).

Desta forma, trabalhar a cidade de São Paulo e os poetas boêmios, tais como os poetas acima citados, não é uma forma de provar seu desmerecimento nem creditar-lhes méritos póstumos; todavia é uma forma de constatar que existem mecanismos e instituições que possibilitam a legitimação de uma obra ou o esquecimento dela, de acordo com suas necessidades, bem como explicar sua dinâmica e funcionamento.

A ideia de uma boemia paulistana pode ser pensada a partir da instalação da Faculdade de Direito no Largo São Francisco, em 1827, visto que, em virtude desta instituição, a cidade de São Paulo passa a receber estudantes de

todas as regiões do país, se destacando, desta forma, por sua função cultural, pois na convivência acadêmica, os estudantes de Direito se agruparam, criando agremiações<sup>2</sup> literárias como é o caso da *Sociedade Filomática* (1833) e a *Sociedade Epicuréia* (1845)<sup>3</sup>, que pretendiam divulgar manifestações literárias e expressões próprias destes estudantes, iniciando um processo vigoroso de efervescência intelectual que agitava intensamente a pequena cidade de então.

Para Antonio Cândido, estas agremiações possuíam quatro características: primeiro, auxiliavam na superação das diferenças de classe, igualando os “bem nascidos” aos “modestos”. As diferenças sociais eram esquecidas ao passo que se enalteciam as semelhanças literárias.

Outra característica, vista do “ângulo de consumo” e não da produção literária, era que as agremiações proporcionavam a formação de um público para as produções literárias.

não apenas os próprios consócios formavam grupo receptor em relação uns aos outros, como as atividades gremiais reuniam ou atingiam os demais elementos que na Colônia estavam em condições de apreciá-las. Foi, portanto, um *autopúblico* num país sem públicos<sup>4</sup>.

Sua terceira grande função era reforçar os padrões dominantes, representava neste sentido um reforço na política de imposição da cultura erudita aos moldes da cultura europeia, em detrimento das manifestações de cunho popular.

O último traço ressaltado por Cândido é que estas agremiações levadas por preocupações permanentes consagravam atenção marcada às coisas do Brasil “reforçando o nativismo e contribuindo para despertar o sentimento nacional” (CÂNDIDO, 1975, p. 83)

Além das quatro características apontadas por Cândido, estas agremiações literárias e suas práticas sociais auxiliam na compreensão do termo “boemia literária”, pois é por meio da descrição destas práticas que se identificam características destes estudantes, literatos e boêmios.

---

<sup>2</sup> Grupo de estudantes que orientados por um “mestre” se reúnem no intuito de versejar e criar textos, sejam eles comemorativos, poemas amorosos, etc.

<sup>3</sup> Fundadores da Sociedade Filomática: Carlos Carneiro de Campos, José Inácio Silveira da Mota, Antônio Augusto Queiroga entre outros. Fundadores da Sociedade Epicuréia: Antônio Augusto Queiroga, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa.

<sup>4</sup> Antonio Cândido – A formação da Literatura Brasileira. p. 83

A primeira destas agremiações mais conhecidas foi a Sociedade Filomática, que contou também com a publicação de uma revista que levava o mesmo nome, Revista da Sociedade Filomática. Fundada em 1833, teve seis números e a duração de seis meses, especificamente de junho de 1833 até dezembro de 1833. Fundada devido à iniciativa de professores e acadêmicos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, cujos objetivos estavam voltados para o aprimoramento da nossa cultura.

Pouco se encontra sobre a história da Sociedade Filomática em si, pois esta, diferente da Sociedade Epicuréia, que veremos a seguir, permanecia reservada às algazarras, direcionando seu empenho às letras; no entanto a partir do artigo da autora Odette Penha Coelho sobre a Revista da Sociedade Filomática é possível estabelecer algumas características da própria Sociedade Filomática, enquanto agremiação.

A Revista conta com 198 páginas no total, divididas em seis números. A autora em seu artigo não data os exemplares por números, e sim por páginas, dificultando desta forma a periodização nas notas a seguir. Os trechos utilizados tiveram sua ortografia atualizada pela autora a fim de facilitar essas leituras.

Segundo Coelho, “apresenta-se como um produto natural da nossa cultura”; é possível observar como esses professores e acadêmicos sentiam a necessidade de mudanças e inovações culturais na cidade e talvez essa necessidade fosse a motivação não somente para a criação de uma agremiação literária como a Sociedade Filomática, mas também para a publicação de uma revista que enquanto expressão cultural iria retratá-los.

Uma apatia de morte peia os espíritos e nada excita a atenção, exceto interesse próprio e político do dia! Nossa Literatura firma-se em esteios mui tênues: nossa história só acha penas sediças e bolorentas que a escrevem, nossa poesia nem tem ainda escola nacional; as ciências naturais não se conhecem senão em parte no ramo da medicina; as exatas fazem curtos progressos; e as sociais apenas acabam de aparecer<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> COELHO, O. P. – A expansão do sentimento nacional. *Revista da Sociedade Filomática*. Revista de Letras da UNESP. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 21-31, 1980. p.14.  
Segundo a autora as transcrições foram extraídas da edição fac-similar patrocinada pela Metal Leve S.A. (São Paulo, 1977), da Revista da Sociedade Philomatica (São Paulo, Typografia do novo Farol Paulistano.)

E ainda completando o trecho acima, a necessidade dos mesmos de unirem esforços e boa vontade para criar uma sociedade que tivesse por fim:

criar um pequeno centro de luzes dispersas, procurar desta maneira meios para seu adiantamento individual e incitar maiores capacidades a reunirem-se para proveito geral.<sup>6</sup>

Sobre seu nome, Sociedade Filomática, Coelho ainda relata que os redatores valorizavam em especial a linguagem, e por este motivo situavam-se como ortodoxos defensores da pureza do idioma, estimulando manifestações de vernacularidade; portanto, com base no prisma da linguagem, terem defendido os ideais de Filinto Elísio.

Filinto Elísio é visto e julgado principalmente em decorrência do tratamento que conferiu ao idioma. Em outra edição da Revista, situada na página 40 (quarenta), a descrição sobre ele se dá da seguinte forma:

Discípulo de Garção, e de Diniz, chefe da escola dos puritanos atuais, o tradutor dos Mártires tem direitos incontestáveis ao ponto mais distinto entre os modernos vates de Elísia. A hidra revolucionária, que desde meados do século passado tentava devotar o casto e puro idioma Lusitano, surgia por fim mais confiada dentre os troféus do discípulo de Elmano. Filinto, que a houvera conhecido na pátria, divisou-a ao longe lá do exílio tirânico, onde nem amarguras nem misérias puderam deter os arrebatamentos de seu talento. Numa mão com o azorrague satírico, noutra com os raios que lhe prestava a razão, a verdade e o amor da Pátria, por trinta anos combateu-a.<sup>7</sup>

A outra agremiação conhecida é a Sociedade Epicuréia, também formada por membros acadêmicos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1845, que embora mantivesse o movimento literário e cultural ativos, distanciava-se da primeira agremiação em atitudes. Uma vez que faculdade abrigava jovens de diversas partes do Brasil, relata-se que os estudantes implementavam novas modas de vestuários e vitalizavam a região com novos hábitos como o de se reunirem nas ruas para se divertirem, criando a necessidade do surgimento de tavernas e livrarias, sem falar das bebidas, das novas maneiras de flertar e das orgias, que escandalizavam a comunidade provinciana.

---

<sup>6</sup> Idem, página 14.

<sup>7</sup> COELHO, O. P. – A expansão do sentimento nacional. *Revista da Sociedade Filomática*. Revista de Letras da UNESP. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 21-31, 1980. p.40.

Os casarões ou chácaras davam início a uma nova modalidade de hospedagem, as repúblicas estudantis. Dentre estas repúblicas, a mais conhecida delas, a Chácara dos Ingleses é cercada de lendas. O casarão onde moraram Álvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães ficava na Rua da Glória, hoje Praça Almeida Júnior, defronte ao cemitério de indigentes e escravos e tornou-se famosa porque nela os estudantes do Largo São Francisco fundaram a Sociedade Epicuréia<sup>8</sup>. Na casa, uma turma de rapazes “pintou o diabo e celebrou maluquices, alarmando a pacata cidadezinha de São Paulo”<sup>9</sup>.

A chácara também era conhecida como a Casa de Satã, pois no livro de Álvares de Azevedo, Macário, o autor descreve que Satã ao chegar à cidade de São Paulo diz: “Tenho uma casa aqui na entrada da cidade. Entrando, à direita, defronte do cemitério” (AZEVEDO, 2006, 44).

Esta afirmação de Azevedo contribuía para reafirmar as lendas sobre a chácara que recebeu o nome de Chácara dos Ingleses porque seu primeiro morador foi o inglês John Rademacker, assim como contribuía também para a reputação da Sociedade Epicuréia que se inspirava no romantismo excêntrico do poeta George Gordon Byron (1788-1824). Lord Byron, como era conhecido, cultivava a beleza do horror, do repulsivo e do satânico. Cultivava a energia rebelde, numa contraposição à estética clássica, à passividade e à inércia. Essas características reafirmavam o caráter de boemia.

As sessões da Sociedade Epicuréia, que realizadas na Chácara dos Ingleses e em outras repúblicas da periferia, abalaram a cidade de São Paulo. Couto de Magalhães (1837-1898) sobre essas sessões conta que Bernardo Guimarães, Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa dispunham de tudo para o cerimonial da orgia. Tapetes, indumentárias, caveiras, ossos humanos, trípodes, caçoilas,

---

<sup>8</sup> Epícuro: Filósofo grego do período Helenístico. O propósito da filosofia para Epícuro era atingir a felicidade, estado caracterizado pela *aponia*, a ausência de dor (física) e *ataraxia* ou imperturbabilidade da alma. Ele buscou na natureza as balizas para o seu pensamento: o homem, a exemplo dos animais, busca afastar-se da dor e aproximar-se do prazer. É uma doutrina muitas vezes confundida com o hedonismo. O prazer de que fala Epícuro é o prazer do sábio, entendido como quietude da mente e o domínio sobre as emoções e, portanto, sobre si mesmo. É o prazer da justa-medida e não dos excessos. É a própria Natureza que nos informa que o prazer é um bem. Este prazer, no entanto, apenas satisfaz uma necessidade ou aquieta a dor. A Natureza conduz-nos a uma vida simples. O único prazer é o prazer do corpo e o que se chama de prazer do espírito é apenas lembrança dos prazeres do corpo. O mais alto prazer reside no que chamamos de saúde. Entre os prazeres, Epícuro elege a amizade. Por isso o convívio entre os estudiosos de sua doutrina era tão importante a ponto de viverem em uma comunidade, o "Jardim". Ali, os amigos poderiam se dedicar à filosofia, cuja função principal é libertar o homem para uma vida melhor.

<sup>9</sup> Raimundo Menezes na edição de 14.06.1946 do jornal *O Estado de São Paulo*.

armações funerárias, etc. e sobre a presença de mulheres nestas sessões afirma que “As mulheres não participavam das reuniões. Mulheres só eram permitidas nas libertinagens sem cerimonial”.

O cerimonial obedecia algumas orientações byronianas. Dentre essas orientações podemos citar: a presença de animais que constituem o “folclore do horror”, tais como: gatos pretos, sapos, corujas, cobras, etc.; declarações de poemas, cultos dionisíacos, recitais fúnebres, invocações macabras, orgias intermináveis, uso exacerbado de álcool. A bebida mais comum era o vinho, que segundo as orientações byronianas deveria ser servido em crânios. Havia brindes a Baco<sup>10</sup>, Epícuro e a Sileno<sup>11</sup>. Essas sessões só terminavam quando não havia mais bebidas. O crítico literário Antônio Cândido, no Estado de São Paulo de 25.01.1954 assim caracterizou a Sociedade Epicuréia: “Ponto de encontro entre a literatura e a vida, onde os jovens procuravam dar validade às imaginações românticas”.

Assim, a partir da leitura que a sociedade de época acima descrita fazia destes jovens, caracterizamos como boêmios, ou seja, filhos ricos de fazendeiros em sua maioria, estudantes, que aproveitavam toda diversão e espaços que a cidade oferecia para suas libertinagens e expressões artísticas e literárias.

A relevância deste trabalho no campo da história cultural se dá porque os estudos realizados sobre literatura, as coletâneas literárias brasileiras e os livros didático-literários em sua maioria utilizam o Rio de Janeiro como cenário/palco por sua condição de capital cultural, que ditava as “regras da boa arte” para todo o país durante o século XIX, como é o caso de Nicolau Sevckenko em *Literatura como missão*.

Algumas das coletâneas literárias, na tentativa de abranger todos os campos da literatura, relegam-lhes a “sub-gêneros” e atribuíram a estes poetas esquecidos um mesmo título: “publicistas”, “ensaístas”, “autores secundários”, “subliteratura”, “literatura dos andares térreos” citando-os sem grande entusiasmo, e quando muito, expõe a bibliografia dos mesmos.

Desta forma, as antologias literárias se propõem a estudar apenas autores e períodos de “glamour” da Literatura, dos quais poetas como Álvares de Azevedo, Rui Barbosa e Machado de Assis fazem parte, ou seja, excluem uma boa

---

<sup>10</sup> Baco: Na mitologia romana, era o deus do vinho, das festas, do lazer, do prazer e da folia.

<sup>11</sup> Sileno: Na mitologia grega e posteriormente na mitologia romana era descrito como o mais velho, o mais sábio e o mais beberrão dos seguidores de Dionísio.

parcela de produção literária, deixando historicamente um grande vazio, como se entre Álvares de Azevedo e Monteiro Lobato<sup>12</sup>, por exemplo, fosse um período infértil, com ausência de produções literárias. Por esse motivo criou-se uma distância entre esse período de “glamour” e o período de esquecimento, entre autores cariocas e paulistas que se destacaram no cenário da literatura brasileira e aqueles que ficaram restritos a publicações de folhetins, jornais, agremiações literárias, saraus e aos encontros em casarões da época.

Isto posto, a proposta deste trabalho não é estudar os grandes poetas brasileiros, pois estes têm o seu lugar assegurado na história da literatura e da crítica literária, e também não cabe a este trabalho retomar a história da Literatura no Brasil indicando erros e acertos e sim estabelecer as representações sociais de legitimação de obras literárias no período, de forma que através de um corpo documental que inclui os volumes do *Almanach Litterario de São Paulo* e os exemplares de jornais de época – *O Correio Paulistano* – divulgados na mesma época, possamos saber sobre a identidade destes poetas, estudantes, boêmios que foram esquecidos, bem como apresentar uma discussão sobre como esses autores foram classificados em grupos distintos: os que permaneceram imortalizados por suas obras, e os que “despontaram para o anonimato”.

O segundo capítulo é dedicado somente às teorias que auxiliam no processo de compreensão de como um autor ou obra são imortalizadas ou despontam para o anonimato, baseia-se em dois autores fundamentais para o seu desenvolvimento e entendimento.

O primeiro autor a ser abordado é Pierre Bourdieu, já que a partir das definições sobre o simbólico ou cultural podemos entender algumas das questões mais relevantes a esse trabalho. Os conceitos aqui trabalhados são: os de legitimidade, distinção, gosto de classes e campo científico.

O outro autor é Roger Chartier que descreve uma teoria sobre a leitura que se pauta especialmente no conceito de apropriação, que em dado momento também será usado por Pierre Bourdieu.

O terceiro capítulo é reservado para a apresentação do jornal *O Correio Paulistano* e do *Almanach Litterario*, jornal e revista escolhidos pela participação no processo econômico e civilizatório da cidade de São Paulo e, pelo

---

<sup>12</sup> Álvares de Azevedo (1831-1852); Monteiro Lobato (1882 -1948) .

engajamento nas letras, atuando como fontes de pesquisa da boemia literária. A disponibilidade destes materiais em microfilme no Acervo Público do Estado de São Paulo e sua acessibilidade permitem auxiliar na análise historiográfica das práticas culturais bem como no estudo do gosto, costumes e modos no cotidiano do século XIX.

No quarto capítulo exemplificamos alguns autores que contribuíram para sessões literárias no *Correio Paulistano* e no *Almanach Litterario*. A periodicidade com que estes poetas publicavam é levada em consideração e no caso do jornal, são apresentadas as colunas relacionadas ao mundo das letras.

Portanto, mais que retomar a história da literatura no Brasil, este estudo pretende estabelecer as representações sociais da escrita e leitura no período do final do século XIX e início do XX, enfatizando a discussão de quais os responsáveis por alguns autores despontarem para o anonimato. A análise de algumas teorias dos autores Pierre Bourdieu e Roger Chartier nos aproxima destes mecanismos de legitimação, apontando marcas de distinção simbólicas.

## 1 DOS TEÓRICOS E TEORIAS

Neste capítulo trabalhamos os autores e teorias que auxiliam no processo de compreensão de como um autor ou obra são imortalizados ou silenciados.

Estas teorias ou conceitos surgem da necessidade que alguns grupos têm em se distinguir enquanto superiores, eruditos, etc. Neste processo de compreensão a busca pela distinção produz mecanismos ou normas que atuam como códigos de validação e legitimação que incluem ou excluem determinadas leituras, músicas, pinturas, etc.

Para tanto, são abordados dois autores que possuem obras relevantes para este estudo: Pierre Bourdieu e Roger Chartier.

O primeiro, Bourdieu, trabalha com os conceitos de legitimidade, distinção, gosto de classes e campo científico. Chartier dedica seus estudos a uma teoria da leitura que se pauta no conceito de apropriação, permitindo uma análise das práticas culturais. O conceito de apropriação também é utilizado por Pierre Bourdieu.

A partir desses dois autores ainda é possível refletir sobre a contribuição de Michel de Certeau que se aproxima da ideia de Bourdieu quando se trata da existência de um campo científico que é capaz de determinar não só o que deve ser lido, mas também as próprias ferramentas de legitimação.

### 1.1 PIERRE BOURDIEU

Num primeiro momento tratamos do que o autor Pierre Bourdieu chama de “gosto de classes”. “Gosto” aqui utilizado no sentido de uma ferramenta/utensílio<sup>13</sup> usado por um grupo social que se denomina “elite cultural” para se marcar e diferenciar socialmente. Para o autor, o gosto seria a necessidade de se “marcar” e “desmarcar” na sociedade, mesmo que para isso as pessoas dissimulem sua ignorância ou sua indiferença, esforçando-se para atingir opiniões e práticas que sejam conformes à definição legítima. Essa definição legítima seria resultado de uma preparação do indivíduo para determinados “gostos” que terá e/ou

---

<sup>13</sup> [ver utensilagem mental, Le goff].

defenderá perante a sociedade, e é esta preparação que o fará ler determinados livros ou ouvir determinadas músicas desconsiderando àquelas obras ou literaturas que não se encaixam nestas definições legítimas.

Bourdieu afirma que :

Constituído num tipo determinado de condições materiais de existência, esse sistema de esquemas geradores [que chamo aqui de ferramentas/utensílios<sup>14</sup>], inseparavelmente éticos e estéticos. Exprime segundo sua lógica própria a necessidade dessas condições em sistemas de preferências cujas oposições reproduzem, sob uma forma transfigurada e muitas vezes irreconhecível, as diferenças ligadas à posição na estrutura da distribuição dos instrumentos de apropriação<sup>15</sup>.

Ou seja, um determinado grupo social produz e impõe sua “estética” de acordo com suas necessidades e preferências. No campo literário, por exemplo, a determinação começa no processo da escrita, quando o autor seleciona o assunto, fazendo seu recorte e escolhendo o conteúdo a ser trabalhado, desprezando o material que não se ajusta às suas necessidades. Na medida em que seu trabalho está finalizado, passa novamente por outra seleção, neste caso a do editor/revisor que além de direcionar o assunto de acordo com o que está inscrito nas definições de legitimação, ainda pode ou não acrescentar suas próprias contribuições, chegando finalmente às mãos de um determinado grupo social já imposto e configurado de acordo com as determinações/definições de quem possui o capital econômico (no caso das literaturas de massa ou populares) ou do capital simbólico (no caso da cultura erudita e instituições de ensino superior). Assim, para Bourdieu o gosto também poderia ser explicado como “propensão e aptidão à apropriação de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras”. (BOURDIEU, 1983, p. 83).

Como se identifica estes processos de escolhas ou gosto na sociedade?

Para identificar estas escolhas é necessário que se compreenda que um estilo de vida ou a estilização da vida ocorre por variações da distância com o mundo, levando-se em conta as pressões materiais/culturais e suas urgências temporais. Em outras palavras este gesto ocorre a partir da escolha que um

---

<sup>14</sup> Grifo meu

<sup>15</sup> Pierre Bourdieu – Gosto de Classe e estilos de vida. In: sociologia, página 83.

determinado grupo social faz baseando-se nas “novidades” materiais/culturais que são por vezes construídas por sua própria legitimação/disposição estética e baseando-se na necessidade de seu tempo e por isso mutáveis. Nas palavras do autor:

Existe então uma prática de moralização da sociedade, no entanto ela não é fixa, vai se alterando, transformando. E é essa “escolha” de adjetivos que acentuam as propriedades estéticas que tornam portanto estes “novos” consumos mais raros, mais distintos<sup>16</sup>.

Daí o fato de que quanto mais raros e distintos, mais fáceis sua inserção nas definições de legitimidade.

Ainda no campo do gosto, acentuando as propriedades estéticas o autor Pierre Bourdieu argumenta que:

A própria disposição estética, que, com a competência específica correspondente, constitui a condição da apropriação legítima da obra de arte, é uma dimensão do estilo de vida no qual se exprimem, sob uma forma irreconhecível, as características específicas de uma condição. Capacidade generalizada de neutralizar as urgências ordinárias e de colocar entre parênteses os fins práticos, inclinação e aptidão duráveis numa prática sem função prática, a disposição estética só se constitui numa experiência do mundo liberada da urgência e na prática de atividades que tenham nelas mesmas sua finalidade. ([...]) Deste modo, a disposição estética se define também, objetiva e subjetivamente, com relação às outras disposições: a distância objetiva com relação à necessidade e com relação aos que dela se acham prisioneiros se sobrepõe uma tomada de distância intencional, reduplicação deliberada pela exibição da liberdade. Na medida em que cresce a distância objetiva com relação à necessidade, o estilo de vida se torna sempre, cada vez mais o produto de uma “estilização da vida”, decisão sistemática que orienta e organiza as práticas mais diversas<sup>17</sup>.

Neste contexto surge a necessidade de dissimular o conhecimento sobre um assunto específico do qual não se tem conhecimento para diminuir essa distância que a legitimidade e a cultura erudita impõe.

Como vimos anteriormente, o “gosto” depende de uma série de pré-determinações para que seja legitimado enquanto gosto de uma classe ou de um grupo. Estas determinações não são simples, pois vão além do processo de

---

<sup>16</sup> Pierre Bourdieu – Gosto de Classe e estilos de vida. In: sociologia, página 85.

<sup>17</sup> Pierre Bourdieu – Gosto de Classe e estilos de vida. In: sociologia, página 87

legitimação de um campo científico específico. Elas esbarram, por vezes, em dissimulações do conhecimento pela sociedade ou grupo, que se apropriam de termos; no caso, termos do campo científico ou mesmo das artes no campo simbólico para se parecerem com a “elite” e desta forma se legitimar também ou ao menos “ter” um espaço ao qual pertençam.

Ao mesmo tempo, esta “elite” intelectual, por assim dizer, buscará meios, formas e termos que sejam diferentes dos já postos, mantendo assim sua distinção e, novamente, a necessidade de novas ferramentas/utensílios capazes de legitimar suas práticas permitindo que essa tendência elitista não seja interrompida.

Um dos exemplos destes processos de legitimação é descrito no livro *As regras da arte*. Bourdieu cita uma série de encontros literários que se davam em salões da elite francesa que se utilizava dessas reuniões em e pelas relações de poder, afinal estes encontros serviam de símbolos sociais para sua diferenciação perante outros grupos.

Desta forma, estas reuniões auxiliavam na composição de sua legitimidade enquanto grupo, diferenciando-os enquanto “elite imperial”, como se através destes símbolos houvesse a moralização da sociedade, que não é fixa; ao contrário, vai se alterando, se transformando, definindo regras para um “gosto erudito”. Como no episódio onde cita as reuniões que aconteciam nos salões da princesa Mathilde, a qual se cercava de forma seletiva de escritores e jornalistas mundanos, exibindo espetáculos que afirmassem sua originalidade em relação à corte imperial, promovendo reuniões artísticas no intuito de se distinguir dos demais membros da elite e dos novos-ricos que surgiam na segunda metade do século XIX. Para tanto, contava com a presença de artistas que no mundo “social” eram tidos como prestigiosos e tentavam, por exemplo, usufruir de certos privilégios que somente os membros da família imperial poderiam fornecer, tais como: pensões, cargos ou postos remunerados, etc. Por outro lado são vistos dentro do campo literário ou artístico com menosprezo, pois estes desqualificam o trabalho artístico ao ponto em que se aproximam-se dos membros das famílias imperiais, aceitando tais privilégios.

Esses salões eram locais em que os escritores e os artistas podiam reunir-se por afinidades ou para encontrar poderosos, materializando desta forma, segundo Bourdieu, relações que instauram trocas onde:

[...] os dois campos, em definitivo, levam vantagem; é muitas vezes através destes personagens em situação instável, bastante poderosas para ser levadas a sério pelos escritores e artistas, sem ser o suficiente para ser levadas a sério pelos poderosos, que se instauram formas suaves de domínio que impedem ou desencorajam a sucessão completa dos detentores do poder cultural e que os enviscam em relações confusas, baseadas na gratidão e na culpabilidade do compromisso e do comprometimento, no que se refere a um poder de intercessão percebido como último recurso ou, pelo menos, como uma ilhota de exceção, capaz de justificar as concessões da má-fé e de dispensar rupturas heróica<sup>18</sup>.

E para o autor essas trocas ainda operam como:

[...] verdadeiras articulações entre os campos: os detentores do poder político visam impor sua visão aos artistas e apropriar-se do poder de consagração e de legitimação que eles detêm; por seu lado, os escritores e os artistas, agindo como solicitadores e como intercessores ou mesmo, às vezes, como verdadeiros grupos de pressão, esforçam-se em assegurar para si um controle mediato das diferentes gratificações materiais ou simbólicas distribuídas pelo Estado<sup>19</sup>.

Desta forma, essas reuniões em salões eram mais do que uma forma de entretenimento das grandes elites, essas reuniões literárias podem ser apontadas como uma forma desta elite se distinguir, pelo seu caráter seletivo, até por vezes excludente.

Assim com o exemplo de Bourdieu, Alfredo Bosi também ilustra formas de distinção de elites. No Brasil, durante a Belle Époque, dois processos ilustram igualmente o mesmo mecanismo.

Proposta de beleza e ostentação aos antigos casarões paulistas deixaram sua marca de distinção no cotidiano das elites. Como exemplo, podemos citar que do desmembramento das antigas chácaras setecentistas surgiram ruas no estilo de boulevards parisienses; e, também inspirados em desenhos do paisagismo francês, as casas de chácaras setecentistas foram adaptadas aos modelos dos palacetes europeus, redesenhando ou fazendo novos jardins como o de Versalhes. Em São Paulo, especificamente os exemplos desta distinção ficam a cargo da construção do Parque Ibirapuera, construído por Roberto Burle Marx, e o palacete

---

<sup>18</sup> BORDIEU, P. *As regras da arte*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996. pp. 68.

<sup>19</sup> Idem nota 3.

de dona Veridiana Prado<sup>20</sup>, o “Vila Maria” e o do poeta Jacques d’Avray (pseudônimo de José de Freitas Vale), o casarão “Vila Kyrial” ambos pertencentes à elite paulistana que muitas vezes serviu de ponto de encontro da elite intelectual para saraus de música e literatura.

Mas enquanto a elite buscava se distinguir dos demais impondo uma atividade intelectual que só atingiria a um grupo seletivo, o grande público também dissimulava seu conhecimento a respeito de literatura, adquirindo o que mais próximo e mais acessível fosse. Neste caso, os folhetins cumpriam seu papel os aproximando. Segundo Alfredo Bosi:

O fato é que o novo público menos favorecido busca algum tipo de entretenimento, sendo o folhetim o que melhor responde a demanda e melhor se estrutura no seu nível<sup>21</sup>.

E ainda sobre o papel dos folhetins neste processo de dissimular o conhecimento, para ao menos se parecer com as elites, Bosi conclui:

A análise dos fatores que compõe o romance-folhetim virá esclarecer as motivações e os valores daquela média e pequena burguesia que, ainda à margem “Enrichissez-vous” (mote das faixas ascendentes por volta de 1830), não podia evadir-se no estilo da nobreza dos Novalis e dos Chateaubriands, e recorria aos expedientes menos caros do romanesco e do piegas. O romance de capa-de-espadas, as novelas ultra-românticas e os dramalhões, chancelados por hábeis manejadores da pena como Eugène Sue, Scribe, Féval e Dumas pai, foram as leituras obrigatórias desse novo público e os modelos – diretos ou não<sup>22</sup>.

Estabelece-se então uma “disputa” que Bourdieu chamaria de “lutas” pela legitimidade. De um lado o campo literário subsidiado pelos novos ricos buscando sua legitimidade, e de outro os artistas/literatos mais conformistas ou mais consagrados dos escritores, em especial através do universo sutilmente hierarquizado dos salões.

Este processo de legitimação e portanto de luta se torna efetivo quando se estabelece um campo científico e um campo literário que se munirão de

---

<sup>20</sup> Fazendeira, dona de uma das maiores fortunas da época do século XIX, foi a mulher mais famosa de São Paulo. Hospedou em seu casarão a Princesa Isabel e era muito amiga dos intelectuais da época.

<sup>21</sup> BOSSI, A. *História concisa da Literatura*, p. 111. 1990.

<sup>22</sup> BOSSI, A. *História Concisa da Literatura*, p. 111-112. 1990.

normas, termos, regras, experimentos e documentos para legitimar aquilo que será considerado científico.

Portanto, podemos dizer que campo científico é um lugar de lutas. Isso nos faz recordar que o próprio funcionamento do campo científico produz e supõe uma forma específica de interesse. A partir desses interesses pode-se pensar maneiras de fazer com que um trabalho seja reconhecido ou maneiras para se validar um experimento.

Neste trabalho, a produção crítica literária exerce essa função de validação que tratamos em Bourdieu. Os grandes “compêndios” literários têm sua variação ao longo dos anos e de acordo com a “época” literária que o autor/crítico está incluído, podemos distinguir quais os códigos em uso.

Citamos alguns exemplos de autores e obras que ao longo do século XX permitem observar essa passagem na história na literatura brasileira.

O primeiro deles, José Veríssimo com a *História da Literatura Brasileira*, em sua primeira edição publicada em 1916, compôs o que Alfredo Bosi chamou de “tríade” crítica junto a Sílvio Romero e Araripe Jr.

José Veríssimo aparece-nos mais próximo da nossa crítica literária atual que da crítica romântica, que o precedeu no tempo, tanto que os próprios argumentos de Alfredo Bosi, crítico literário atual, assemelham-se aos de Veríssimo ou buscam nele inspiração.

Em sua obra, *História da Literatura Brasileira*, o autor inicialmente procura apontar os fatores principais da constituição de uma história literária brasileira. Para Veríssimo,

Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem, é, a meu ver, literatura. Assim pensando, quiçá erradamente pois não me presumo de infalível, sistematicamente excludo da história da literatura brasileira quanto a luz se não deva considerar literatura. Esta é neste livro sinônimo de boas ou belas artes, conforme a vernácula noção clássica<sup>23</sup>.

Veríssimo tem uma posição rígida no que diz respeito à crítica literária, considera-a de grande importância, por isso compartilha do pensamento do

---

<sup>23</sup> VERÍSSIMO, J. *História da Literatura Brasileira*. p. 24. 1916

historiador francês G. Lanson, afirmando que o historiador entende por literatura se aproxima de sua definição de literatura :

A literatura destina-se a nos causar um prazer intelectual, conjunto ao exercício de nossas faculdades intelectuais, e do qual lucrem estas mais forças, ductilidade e riqueza. É assim a literatura, um instrumento de cultura interior; tal o seu verdadeiro ofício. Possui a superior excelência de habituar-nos a tomar gosto pelas ideias. Faz que encontremos, num emprego do nosso pensamento, simultaneamente um prazer, um repouso, uma renovação. Descansa das tarefas profissionais e sobreleva o espírito aos conhecimentos, aos interesses, aos preconceitos de ofício; ela “humaniza” os especialistas. Mais do que nunca precisam hoje os espíritos de têmpera filosófica; os estudos técnicos de filosofia, porém, nem a todos são acessíveis. É a literatura, no mais nobre sentido do termo, uma vulgarização da filosofia: mediante elas são as nossas sociedades atravessadas por todas as grandes correntes filosóficas determinantes do progresso ou ao menos das mudanças sociais, é ela quem mantém nas almas, sem isso deprimidas pela necessidade de viver e afogadas nas preocupações materiais, a ânsia das altas questões que dominam a vida e lhe dão um sentido ou um alvo. Para muitos dos nossos contemporâneos sumiu-se-lhes a religião, anda longe a ciência, da literatura somente lhes advém os estímulos que os arrancam ao egoísmo estreito ou ao mister embrutecidos<sup>24</sup>.

Concluindo sobre a afirmação de G. Lanson que “não se poderia definir com mais cabal justeza, nem com mais elegante simplicidade, a literatura e sua importância”.(VERÍSSIMO, p. 26, 1916).

Tendo esta definição de Literatura como norte do pensamento de Veríssimo, percebemos a rigidez de sua crítica assim que passamos pelos primeiros momentos de literatura brasileira:

No período colonial haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. Não sendo, porém, esse o único da obra literária, nem o ponto-de-vista estético e só de que podemos fazer a história literária, cumpre do ponto de vista histórico, o mais legítimo no caso, apreciar autores e livros que, ainda àquela luz medíocres, têm qualquer importância como iniciadores, precursores ou inspiradores ou até simples indículos de movimentos ou momentos literários<sup>25</sup>.

E adiante complementa:

<sup>24</sup> LANSON, G. *Historie de La Littérature Française*, 12ème edition, Paris, 1912 VIII in: José Veríssimo *História da Literatura Brasileira* . p. 25-26. 1916

<sup>25</sup> VERÍSSIMO, J. *História da Literatura Brasileira*. p. 27-28. 1916

Seja qual for nosso parecer sobre o valor da obra literária, isolada ou em relação com o seu meio e tempo, prevalece a noção do senso comum que em todo caso ela precisa de virtudes de pensamento e de expressão com que logre a estima e agrado geral. A que não as tiver é obra de nascença morta<sup>26</sup>.

No período que compreende o movimento romântico, o autor assinala os literatos de maior prestígio dentro da Primeira Geração: Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves Dias, José de Alencar, Bernardo Guimarães e até mesmo o grupo maranhense (João Lisboa 1812-1863; Odorico Mendes 1799-1864; Sotero dos Reis 1800-1871 e Gomes de Souza que o autor não define datas) e outros maranhenses tais como Dias Carneiro e Souza Andrade, estes, que segundo Veríssimo “todos que com obras de vários gêneros e mérito continuaram até perto de nós o movimento literário da sua província pelo grupo primitivo iniciado.” (VERÍSSIMO, p. 258. 1916).

Da mesma forma lista alguns nomes de literatos os quais não considera de grande contribuição para a história da Literatura:

Concomitante com estes principais representantes da nossa primeira fase romântica, poetaram aqui outros muitos sujeitos como os fluminenses Joaquim José Teixeira (1822-1884), José Maria Velho da Silva (1811-1901), Antônio Felix Martins (1812-?), José Maria do Amaral (1812-1885), Firmino Rodrigues Silva (de Niterói 1816-1879), os mineiros Cândido de Araújo Viana (marquês de Sapucaí 1793-1875) e Antônio Augusto de Queiroga (1812-1855), o baiano Francisco Moniz Barreto (1804-1868), e o pernambucano Antônio Peregrino Maciel Monteiro (1805-1868). Publicistas, políticos, diplomatas, advogados, médicos, funcionários públicos, poetas o são apenas ocasionalmente, inconsequentemente, mais de recreio que de vocação, e a sua obra de amadores sobre escassa, o que lhes revê a inófia do estro, é em suma insignificante. Vale somente como indício de uma inspiração poética que se não limitava aos próceres do movimento romântico<sup>27</sup>.

Os nomes citados por José Veríssimo são relegados ao esquecimento nos compêndios literários posteriores e nem ao menos são citados por exemplo em Antônio Cândido ou Alfredo Bosi.

O mesmo repete-se na segunda e terceira gerações do romantismo: Álvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Tobias Barreto, Fagundes Varela, Castro Alves são os nomes de prestígio, que o autor vai

<sup>26</sup> Idem, página 30

<sup>27</sup> VERÍSSIMO, J. *História da Literatura Brasileira*. p. 234. 1916

distinguindo-lhes as características marcantes e que contribuem para uma história literária. Classifica também alguns dos poetas epígonos, tais como José Bonifácio de Andrada e Aureliano Lessa.

No período que Veríssimo chama de “Modernismo” mas temporalmente incluem o Naturalismo e o Parnasianismo, também ocorre o mesmo processo: Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Eça de Queirós, Raul Pompéia, Raimundo Correia, Olavo Bilac. No entanto, o autor não discorre sobre o Simbolismo, em vez disso opta por tratar de Publicistas de talento, os quais nomeiam Eduardo Prado e Joaquim Nabuco. Embora vez ou outra confirme a existência de poetas de “menor” importância, ou de menor contribuição, opta pelo anonimato dos mesmos.

O segundo exemplo é de Antonio Cândido. Sua obra *Formação da Literatura Brasileira* pretende além de realçar os respectivos períodos da nossa literatura, definir ao mesmo tempo o valor e a função das obras. O autor admite não ser uma tarefa fácil e acrescenta:

A dificuldade está em equilibrar os dois aspectos, sem valorizar indevidamente autores desprovidos de eficácia estética, nem menosprezar os que desempenharam papel apreciável, mesmo quando esteticamente secundários. Outra dificuldade é conseguir a medida exata para fazer sentir até que ponto nossa literatura, nos momentos estudados, constitui um universo capaz de justificar o interesse do leitor, – não devendo o crítico subestimá-la nem superestimá-la. No primeiro caso apagaria o efeito que deseja ter e é justamente despertar leitores para os textos analisados; no segundo daria a impressão errada que ela é, no todo ou em parte, capaz de suprir as necessidades de um leitor culto<sup>28</sup>.

Segundo o autor, os autores brasileiros mesmo com certo estudo e inteligência estão fadados a depender da experiência de outras letras; o autor embora admita seu apreço por nossa experiência literária ainda a considera pobre e fraca se comparada às grandes. Porém, para ele, ainda sim é indispensável que a tomemos, lemos e amemos tais obras, pois ninguém além de nós brasileiros poderá evitar que estas caiam em esquecimento, descaso e incompreensão.

---

<sup>28</sup> CÂNDIDO, A. *Formação da Literatura brasileira*, p. 9.

Ninguém além de nós, poderá dar vida a estas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam as observações que faziam – dos quais se formaram os nossos<sup>29</sup>.

Desta forma, Cândido qualifica de “decisivos” alguns momentos que pretende estudar, ou seja, as tentativas que ele anuncia como fortes e tocantes e inicialmente estabelece uma distinção entre manifestações literárias e literatura propriamente dita. Prioriza a Literatura e considera por Literatura:

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além de características internas, (línguas, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literalmente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem a existência de um conjunto de produtos literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade<sup>30</sup>.

Antonio Cândido entende que a coexistência da rápida emergência dos mais variados critérios de valor e experimentos técnicos (estéticos) levam a consideração do papel da obra no contexto histórico, permitindo, desta forma, utilizar este conhecimento como elemento de interpretação, e em certos casos, avaliação, ou seja, reconhecimento e definição de valores. Embora apresente uma relevante preocupação com o carácter histórico e tenha uma posição favorável à interpretação do nosso passado literário, considera que os aspectos informativos bem como os elementos de interpretação apenas servem de plataforma para as operações do gosto, ainda distinguem e decidem os códigos de validação em exercício/andamento.

---

<sup>29</sup> Idem, página 10.

<sup>30</sup> Idem, páginas 25-26

Assim, o autor propõe dentro do possível uma ideia de comunicação entre fases, grupos e obras somada a ideia de uma continuidade, no sentido da tomada de consciência literária e tentativa de construir uma literatura.

No estudo posterior que concluiu junto a José Aderaldo Castello, *Presença da Literatura Brasileira*, os autores utilizam de conceitos como: período, fase, momento; geração, grupo, corrente; escola, teoria, tema, fonte e influência para definir e destacar e agrupar literatos e obras dentro de um conjunto, ainda mantendo a proposta de seu livro anterior de considerar o caráter histórico e a interpretação do passado.

Situam as três correntes literárias, Realismo, Parnasianismo e Simbolismo num período que compreende os anos de 1875 a 1922 aproximadamente. No panorama na vida literária ressalta como uma das principais características “o incremento na vida da cultura, ela não apenas ampliou o seu âmbito, mas se incorporou com mais solidez à vida geral do País, tornando-se elemento vivo na sociedade”. (CÂNDIDO, A; CASTELO, p.109, 1968) e por consequência da aceitação da cultura em geral, também a aceitação da literatura.

Segundo os autores o momento áureo na literatura ocorreu entre 1880, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, até 1908, ano de sua morte.

De elemento marginal que era, o escritor foi-se tornando aceito, considerado parte integrante da vida social; em consequência, tributou-se à sua obra um acatamento que antes mal existia, fora de pequeno círculo. Este processo é simbolizado pela fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), que veio de certo modo oficializar a literatura, ao se tornar uma instituição consagrada pelo mundo oficial e pela opinião. Ela desempenhou com maior eficácia a partir de então, para a literatura, o papel que o Instituto Histórico desempenhara modestamente durante o Romantismo, como intermediário entre a produção intelectual, o poder e o público<sup>31</sup>.

Neste caso, a Academia Brasileira de Letras passa a ser ela própria o código de validação ou os códigos de validação que definirão os rumos das obras literárias e dos literatos. A respeito da oficialização literária o autor ainda observa que:

---

<sup>31</sup> CÂNDIDO, A.; CASTELO, J. A. *Presença da Literatura Brasileira II: Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*. p. 109-110. 1968

De um lado instaura nas letras os padrões de dignidade exterior, de respeitabilidade burguesa que lhe assegurassem a consideração do público. De outro lado, a irregularidade de uma boemia vigorosa, a mais viva e fecunda que o nosso país conheceu, e que procurava, ao contrário, opor a vida sem preconceitos do escritor livre, considerado um tipo à margem dos padrões burgueses ([...]) Mas a primeira acabou vencendo, quando os elementos mais representativos da segunda se acomodaram na respeitabilidade, sendo simbólico sob este aspecto a eleição para a Academia Brasileira, em 1917 do inveterado boêmio e humorista Emilio Meneses (1867-1918), poeta de rígida observância parnasiana. Em todo o processo, avulta a figura tutelar de Machado de Assis, que veio do Romantismo e da boemia, e que aos poucos foi compondo para sua conduta um estilo de equilíbrio convencional ([...]) Essa função de paradigma lhe deu em vida uma projeção quase incontestada de expoente maior da literatura e se concretizou no fato de ter sido, enquanto viveu, presidente único e sempre reeleito da Academia<sup>32</sup>.

A abordagem de Cândido é, portanto “otimista”. Embora claramente se proponha a pensar somente a grande literatura e os nomes de maior prestígio. O exemplo mais simples que podemos dar neste caso é a lista que o autor nos oferece, com os autores, oradores, historiadores e estudiosos de Literatura.

Grandes Oradores: Rui Barbosa (1849-1923) – José do Patrocínio (1854-1905) – Ferreira de Araújo (1846-1900) – Alcindo Guanabara (1865-1918).

Grandes Historiadores: Joaquim Nabuco (1849-1910) – Capistrano de Abreu (1853-1927) – Oliveira Lima (1867-1928).

Estudiosos da língua: Julio Ribeiro (1845-1890) – Pacheco Junior, João Ribeiro (1860-1934).

Críticos: Sílvio Romero (1851-1914) – Araripe Jr. (1848-1911), José Veríssimo (1857-1916).

Ensaístas e pensadores: Tobias Barretos (1839-1889) – Clóvis Beviláqua (1859-1944) – Eduardo Prado (1860-1901) – Euclides da Cunha (1866-1909) – Farias Brito (1864-1917)<sup>33</sup>.

Desta forma ao apresentar sua “lista” sugere um norte aos estudiosos interessados em crítica literária e em historiografia literária, justificando a escolha dos mesmos afirmando:

<sup>32</sup> CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. *Presença da Literatura Brasileira II: Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*. p. 110- 111. 1968

<sup>33</sup> Idem, página 111

Em geral, caracterizam-se pelo esforço em pensar e investigar a realidade do Brasil, seja no nível mais sumário do jornalismo, seja nas sínteses eloqüentes dos discursos e dos ensaios, seja na pesquisa documentária, que adquiriu um vigor antes desconhecido<sup>34</sup>.

O autor ainda reconhece que existem poetas “secundários” e alguns deles inclusive bem sucedidos, no entanto caracteriza suas obras como superficiais e coloca-os com outra denominação. Prefere-lhes o termo “passadista” ou “poetas de transição”.

O último exemplo fica a cargo de Alfredo Bosi e a História Concisa da Literatura. No livro o autor propõe-se além de abranger todos os períodos de nossa Literatura até o momento em que ele a escreve, apontar preferencialmente os autores e obras que mais se destacaram, mesmo que a posteriores.

No seu texto aparecem figuras já conceituadas tais como Gonçalves Dias, Castro Alves, Aluisio Azevedo e Machado de Assis; no entanto, as menções aos autores secundários são evasivas. Bosi deixa clara sua intenção sobre qual sua abordagem literária quando anuncia uma “corrente mestra de nossa literatura” que não cede espaço para uma literatura “menor” ou “secundária”.

Algumas preferências do autor pelas obras mestras estão selecionadas abaixo enquanto ele discorre sobre o período Romântico, Realista e Simbolista.

Ao introduzir a temática romântica, Bosi refere-se ao Brasil como:

carente do binômio urbano indústria-operário durante quase todo o século XIX, a sociedade brasileira contou, para a formação da sua inteligência, com filhos de famílias abastadas do campo, que iam receber instrução jurídica (raramente médica) em São Paulo, Recife e Rio [...]<sup>35</sup>.

E estabelece uma comparação com o romantismo inglês e o brasileiro em sua formação, acrescentando que:

“Apesar das diferenças de situação material, pode-se dizer que se formaram em nossos homens de letras configurações mentais paralelas às respostas que a inteligência europeia dava a seus conflitos ideológicos ([...]) Os exemplos mais persuasivos vêm dos melhores escritores<sup>36</sup>.”

<sup>34</sup> Idem, página 111

<sup>35</sup> BOSI, A. *A história concisa da Literatura brasileira*. p. 99.

<sup>36</sup> Idem, página 100

No momento em que o autor destaca que os argumentos mais persuasivos para legitimar sua tese vêm dos melhores escritores, ele automaticamente descarta todo um ramo da literatura, colocando-a como “inferior”.

Adiante, fala sobre os “autores da melhor água”, mais uma vez enaltecendo alguns autores românticos como Álvares de Azevedo, em detrimento dos autores, por exemplo, Aureliano Lessa e Teixeira Melo, que para o autor são apenas epígonos. E até mesmo quando aborda a importância da historiografia literária, afirma que existe uma classificação para os bons ou para os melhores.

Foi Joaquim Norberto de Sousa Silva um dos pilares em que se assentou a nova historiografia literária até a publicação das obras maduras de Silvio Romero e José Veríssimo<sup>37</sup>.

Mais uma vez reforçando a ideia de que a crítica oficial, dos fins do século XIX, fora representada pela tríade Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Jr.

Ainda na tentativa de abranger quantas áreas fosse possível da história da literatura, o autor enfatiza que essa corrente mestra literária emanava do Rio de Janeiro, capital cultural. Mas não é intenção do autor, por exemplo, constatar que existia um movimento literário fora da capital cultural também. Declara:

Dos fins do século à Guerra de 1914-1918, a corrente mestra de nossa literatura, a que vivia em torno da Academia, dos jornais, da boemia carioca e da burocracia admirou supremamente esse estilo floreal, réplica nas letras do “art nouveau” arquitetônico e decorativo que então exprimia as resistências do artesanato à segunda revolução industrial<sup>38</sup>.

O autor, embora admita a importância do jornal na vida literária brasileira, não reservou nenhum autor, ou até mesmo o nome de um jornal que tenha influenciado essa corrente mestra literária.

No trecho a seguir, Bosi segue apontando alguns literatos e suas contribuições para a literatura brasileira. Embora o autor tenha destacado vários nomes importantes, inclusive o de Machado de Assis, a opção deste trabalho foi apresentar os trechos onde fica evidente a despreensão do autor de “eternizar” ou

---

<sup>37</sup> BOSI, A. *A história concisa da Literatura brasileira*. p. 110.

<sup>38</sup> Idem, página 219

“revalorizar” algumas obras, argumentando que faz parte da difícil tarefa da crítica literária. O literato em questão é Coelho Neto (Caxias, Maranhão, 1864 – Rio de Janeiro, 1934).

Se em nome de uma determinada doutrina estética, então urge primeiro demonstrar a sua validade para ontem e para hoje; mas se em nome de seu pensamento causalista (Coelho Neto teria escrito como o exigia seu tempo), já não seria o caso de revalorizá-lo, senão apenas situá-lo e compreende-lo. Veja-se, pois, como é tarefa crítica delicada bem pouco amiga de improvisações culturais e sentimentais reivindicar glórias que o tempo foi contrastando ou esquecendo<sup>39</sup>.

Segue com sua análise crítica a respeito do literato e afirma:

O horizonte literário *stricto sense*, de Coelho Neto, obstruía-lhe outras perspectivas que não fossem a da expressividade fragmentada, própria da mente parnasiana. Por outro lado, a sensualidade difusa na psicologia do escritor é responsável por um deter-se entre o folhetinesco e mundano do universo dos objetos: vestes, móveis, alfaias e ninharias de alcova onde se respira um pesado odor de belle époque e onde se põem entre parênteses, com muita frequência o desenrolar dos fatos e a vida interior das personagens<sup>40</sup>.

Em 1899, Coelho Neto escreve mais um romance-documento, desta vez fortemente autobiográfico. *A conquista*. A memória da sua juventude boemia, que coincidiu com as lutas finais da Abolição e da República, acha-se presente em muitíssimos passos da sua obra, mas domina soberana dois de seus romances: *A Conquista* e *Fogo fátuo*. Avultam as fugiras de Patrocínio, Paula Ney (Neiva), Pardal Mallet (Pardal), Guimarães Passos (Fortúnio), Aluisio Azevedo (Rui Vaz), Olavo Bilac (Otávio Bivar'), Muniz Barreto (Montezuma), além do próprio autor (Anselmo), envolvidos em uma aura de panache que, no entanto, não chega a ofuscar o verossímil da reminiscência. Toda a escala de valores do jovem Coelho Neto, as idiosincrasias do literato *fin de siècle*, as mazelas de uma boemia de jornal e café, que vive entre veleidades políticas e literárias: eis o cenário e a substância de *A Conquista*, que irão avivar-se ainda mais em *Fogo fátuo*, com aquelas mesmas figuras centrais. Para o historiador de nossa vida literária valerão sempre esses dois testemunhos na medida em que entremostam as implicações sociais e psicológicas de um estilo de vida que aflora, pontilhadamente, o hibridismo de medíocre realidade e evasão verbal<sup>41</sup>.

Este último trecho que segue, ainda sobre a crítica de Alfredo Bosi a Coelho Neto, traz um elemento conveniente à nossa pesquisa, pois sua obra literária

<sup>39</sup> BOSI, A. *A história concisa da Literatura brasileira*. p. 222.

<sup>40</sup> Idem, página 224

<sup>41</sup> Idem, página 225.

*Fogo fátuo* é uma das obras citadas por literatos de “menor prestígio” dentro das colunas literárias do jornal *O Correio Paulistano*, possibilitando afirmar que havia uma comunicação entre os literatos, mesmo que em diferentes condições, visto que Coelho Neto encontrava-se no Rio de Janeiro, e nossos poetas “menores” em São Paulo.

Os exemplos críticos de Bosi a respeito da literatura de Coelho Neto seguem e atingem seu ápice quando o autor declara que:

Não parece lícito negar-lhe o dom de um genuíno talento expressivo, condição primeira de todo artista. Coelho Neto não era escritor arbitrário e falho enquanto homem que usava da palavra como instrumento semântico; sua linguagem é correta e precisa até ao pedantismo, a obscuridade, ao preciosismo. O que validamente se lhe contesta é aquela qualidade rara de atingir sem escórias um nível de profundidade. Sem essa virtude, forma superior da concisão, não se chega a resistir ao tempo, isto é, à consciência dos valores, cujos caminhos levam cada vez mais para a concentração no essencial. Reabilitá-lo incondicionalmente tem por tudo isso, ares de quixotismo digno de melhor causa; mas compreendê-lo em sua situação histórica é tarefa que o crítico de hoje pode e deve tentar<sup>42</sup>.

Por mais que o autor “tente” ser otimista em relação à compreensão da situação histórica de Coelho Neto, os adjetivos escolhidos pelo mesmo são arbitrários a essa ideia. Bosi afirma que o literato não possui um genuíno talento expressivo, e que esta é a condição primeira de um artista de “sucesso”; além de não possuir a virtude de uma escrita profunda, capaz de atingir todas as camadas sociais, essa virtude é a “forma superior de concisão” para Alfredo Bosi. Portanto, podemos concluir que Coelho Neto não é um literato superior na análise de Bosi. E finalmente, o autor usa o termo “quixotismo” para desencorajar qualquer crítico literário posterior a ele a reabilitar Coelho Neto na história da Literatura brasileira.

Para finalizar o modelo de crítica literária de Alfredo Bosi, usamos o exemplo do “Simbolismo”. Ao tratar do período, que em literatura brasileira corresponde ao Simbolismo, Bosi anuncia o período como período “frustre”.

Nem tudo é veleidade nessa inflexão decadente: há poetas que aceitam a própria impotência em face da sociedade e exilam-se numa atmosfera penumbrosa onde salvam quanto pode a intimidade das suas vidas frustradas: é o veio crepuscular do Simbolismo. Fazendo uma poesia voluntária e sinceramente menor, o

<sup>42</sup> BOSI, A. A história Concisa da Literatura brasileira, página 228.

crepuscularismo foi responsável pela ecosão métrica acadêmica e de toda a retórica oitocentista levando à prática do verso livre, pedra de toque das poéticas modernas<sup>43</sup>.

Mas até mesmo Bosi procura legitimação da sua afirmação nos críticos literários de prestígio, anteriores a ele. Recorre a José Veríssimo que para ele faz parte da tríade de maior prestígio da crítica literária brasileira.

José Veríssimo, que não apreciava nem o ideário nem a estética simbolista, chamou a corrente “produto de importação”. E, na verdade, não é fácil indicar homologias entre a vida brasileira do último decênio do século e a nova poesia, considerada também como visão da existência. Os escritores que chegaram à vida adulta no período agudo das campanhas abolicionistas e republicana, Aluisio Azevedo, Raul Pompéia, Adolfo Caminha, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho e os outros naturalistas e parnasianos, entendem-se bem como expressão, mais ou menos radical da sociedade tal como se apresenta nos fins do II Império; e até a “impassibilidade” pregada por alguns (ou o tom pessimista de quase todos) poderá explicar-se como reação programática às ingenuidades românticas. Liberais e agnósticos são todos homens representativos do seu tempo<sup>44</sup>.

Ao compartilhar a não apreciação de Veríssimo pelo ideário e estética simbolista, justifica a sua própria opinião a respeito do período “frustre” do Simbolismo.

Dentro da temática Simbolista, o autor inclui um de nossos homens de letras, Wenceslau de Queirós (1865-1921).

Bosi aponta Wenceslau de Queirós como um dos precursores do simbolismo brasileiro. No entanto, ainda que tenha vasta contribuição literária, limita-se a introduzi-lo na literatura como:

[...] um bom leitor e tradutor de Baudelaire, de quem recebeu e exasperou os traços satanistas nos seus livros *Versos* (1890), *Heróis* (1898), *Sob os olhos de Deus* (1901) e *Rezas do Diabo* (póstumo, 1939). Interessa como ponte do Parnaso para o Simbolismo construída com materiais tomados a um poeta ambivalente como Baudelaire<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> Idem, página 297

<sup>44</sup> Idem, página 297e 298

<sup>45</sup> Idem, página 301

Assim, conclui sobre o seu desmerecimento por Wenceslau de Queirós dentro da temática simbolista e passa o seu texto ao próximo literato de prestígio.

Embora os três exemplos aqui utilizados, Veríssimo, Cândido e Bosi, diferenciem em seu modo de expor os literatos e até mesmo as correntes literárias, são agentes de legitimação de obras e usam a própria crítica literária para estabelecer códigos de validação e reconhecimento de uma obra para estudos posteriores a respeito de Literatura.

Isto posto, é necessário que se entenda o termo “reconhecimento”, não como um reconhecimento perante a sociedade, mas reconhecimento perante a um grupo seletivo de cientistas e pesquisadores que compõe um campo científico, e que são os responsáveis pelos créditos e títulos de reputação, prestígio, autoridade, competência, e por isso podem atuar somente inseridos neste campo. Pois, para o autor:

Tanto no campo científico quanto no campo das relações de classes não existe instâncias que legitimam as instâncias de legitimidade; as reivindicações de legitimidade tiram sua legitimidade da força relativa dos grupos cujos interesses elas exprimem<sup>46</sup>.

Ou seja, o que deve ser lido, considerado e reconhecido como *bom* é fruto de conquistas daqueles que possuem capital simbólico para impor ou ditar tendências no campo das artes, em literatura ou tendências científicas. Assim, para a leitura, para a escrita ou para as pesquisas no campo científico, definir o que é bom ou melhor, parte inicialmente da escolha de quem já possui condições de impor sua autoridade científica<sup>47</sup>. E ainda se avançarmos um pouco e considerarmos as contribuições de Roger Chartier, podemos dizer que, de uma forma breve, estas lutas do campo científico são na verdade lutas de representações determinadas pelos interesses de um grupo que a forjam, tendendo para a imposição de uma autoridade a custo de outros para legitimar e justificar suas escolhas. Estas lutas têm tanta importância quanto as lutas econômicas na compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.

---

<sup>46</sup> BOURDIEU, P. *Campo Científico*. In: sociologia. Editora Ática, p. 130. 1983

<sup>47</sup> Autoridade científica segundo Bourdieu é uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas condições revertidas em outras espécies.

Podemos observar também que: “o grupo que confere este reconhecimento, tende, cada vez mais a reduzir-se ao conjunto de cientistas (ou concorrentes) à medida que crescem os recursos científicos acumulados e, correlativamente, a autonomia do campo” (BOURDIEU, 1983, p. 123) concluindo desta forma que

aqueles que estão à frente das grandes burocracias científicas, só poderão impor sua vitória como sendo uma vitória da ciência se forem capazes de impor uma definição de ciência que suponha que a boa maneira de fazer ciência implica a utilização de serviços de uma grande burocracia científica (e, portanto reconhecida e legitimada<sup>48</sup>) provida de créditos, de equipamentos técnicos poderosos, de uma mão-de-obra abundante<sup>49</sup>.

É o esforço utilizado para pensar o campo científico enquanto lugar de luta política pela dominação científica que, para Bourdieu, designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, seus métodos e estratégias científicas, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico.

## 1.2 ROGER CHARTIER

Falamos até aqui da necessidade de legitimação do trabalho, seja ele artístico, científico ou literário. O que se segue é pautado nos trabalhos de Roger Chartier e dizem respeito às maneiras de se trazer essa legitimação para o campo da história.

A partir da década de 60 do século passado, as ciências sociais recentemente institucionalizadas na tentativa de se fortalecerem enquanto área científica buscavam sua legitimação em meio ao campo científico.

Como vimos anteriormente no texto de Bourdieu, uma das maneiras de se legitimar é através da desqualificação do seu oponente, neste caso da História. As ciências sociais enquanto novidade lançava aos historiadores um desafio, pois dentro dela era possível utilizar amplos estudos de outras áreas tais como as ciências exatas e as áreas de disciplinas literárias para complementar seus

---

<sup>48</sup> Grifo meu

<sup>49</sup> BOURDIEU, P. *Campo Científico*. In: sociologia. Editora Ática, 1983. p. 124.

trabalhos. Desta forma, minavam o domínio da história nos campos universitários e intelectual, desqualificando-a enquanto disciplina empírica.

Para Chartier a resposta dada pela história às ciências sociais foi dupla: primeiramente pôs em prática esta mesma estratégia de captação utilizada nas ciências sociais de interagir com as demais áreas, permitindo a inclusão de novos objetos no seio das questões históricas, tais como relações familiares, formas de sociabilidade, etc. O que para o autor “representava a constituição de novos territórios do historiador através da anexação dos territórios dos outros” (CHARTIER, 1990, p.14), que significava um retorno a uma das inspirações fundadoras dos primeiros *Annales* dos anos 30, ou seja, um domínio da história mais voltada para os aspectos sociais.

Nos estudos de Chartier esses aspectos bem como a interdisciplinaridade possibilitam que:

com estes objetos novos ou reencontrados podiam ser experimentados tratamentos inéditos, tomados de empréstimo às disciplinas vizinhas: foi o caso das técnicas de análise linguísticas e semântica, dos meios estatísticos utilizados pela sociologia ou de alguns modelos da antropologia. (p.15)

Porém, na década de 60, para a legitimação de um documento eram necessários números e quantificação: o gosto pela longa duração, a primazia atribuída a um tipo de divisão social que organizava a classificação dos fatos de mentalidades. Estas novas estratégias de captação resultavam na condição de não pôr de lado fontes massivas tais como registros de preços, registros paroquiais, arquivos portuários, etc. Neste contexto, a investigação da cultura ainda era tida como popular, ou seja, não legitimada cientificamente. Fazia-se necessário a legitimação destas novas fontes e características próprias da história cultural que conciliavam novos domínios de investigação com a fidelidade dos postulados da história social, visando a apropriação de uma legitimidade científica, apoiada em aquisições intelectuais que tinham fortalecido o seu domínio institucional.

Contrariando desta forma a tradição mais recente da sociologia histórica da cultura, que impõe como objetivos fundamentais o estabelecimento das correlações entre pertença (presença) social e produções culturais e identificação dos objetos próprios aos diferentes meios sociais.

A proposta de Chartier para a definição de uma história cultural seria a de ilustrar outra maneira de pensar as evoluções e oposições intelectuais, traçando as determinações objetivas, expressas nos *habitus* disciplinares, que regulam a relação da história cultural francesa com os outros campos do saber, próximos, mas muitas vezes ignorados: a história literária, a epistemologia das ciências, a filosofia.

Para o autor a história cultural tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler. Para tanto, o autor supõe alguns caminhos, ou esquemas intelectuais que podem ser classificatórios, divisórios ou de delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real, graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

Isto posto, a obra do autor Chartier contribui para este estudo, pois ao examinar as condições possíveis para uma história das práticas de leitura, condições que nos permite “identificar para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais” (CHARTIER, 1990 p.121), auxilia na reflexão sobre o modo como uma configuração, um texto e até mesmo uma pintura pode ser apropriada pelos leitores, ou ainda significa que a leitura se dá por aqueles que da leitura se apoderam num determinado momento permitindo que o leitor tenha o prazer de ser ele próprio o intérprete.

### **Condições: Apropriação, Distinção e Representação**

Quando analisamos as condições para uma prática da leitura, deparamo-nos com motivos que possibilitam uma leitura a ter diversas interpretações. São dois os motivos pelos quais um texto lido nunca é o mesmo. O primeiro deles diz respeito aos leitores, porque estes ao lerem têm suas próprias opiniões e expectativas fazendo com que esta leitura esteja inscrita na diversidade dos caracteres, na pluralidade dos homens e de seus juízos por vezes contraditórios.

O segundo motivo refere-se aos usos distintos feitos do mesmo texto, uma vez que, sendo o leitor o intérprete da obra, ele modifica o significado

primeiro estabelecido pelo autor, tornando-se ele também um novo autor. Reforçando a ideia de que o leitor modifica o significado da obra, temos o autor Roger Chartier discorrendo sobre qual seria a posição do autor nesta relação autor-leitor:

A estas utilizações que mutilam a obra e passam ao lado do seu verdadeiro significado, o seu autor opõe aquilo que é leitura correta e proveitosa da mesma, a leitura que capta o texto na sua totalidade complexa sem reduzir aos episódios da sua intriga ou a coletânea de sentenças impessoais<sup>50</sup>.

Está posta, desta maneira, a tensão central da história da leitura, pois:

Por um lado a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma “caça furtiva”, no dizer de Michel de Certeau<sup>51</sup>. Por outro lado, o leitor é, sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la<sup>52</sup>.

Um exemplo que podemos utilizar para ilustrar tal afirmação esta inscrita no trabalho de Carlo Ginzburg *O queijo e os vermes*. No livro, o frívolo moleiro, Domenico Scandella, também conhecido como Menocchio, ao propagar suas ideias e opiniões a respeito da leitura que fez dos livros aos quais teve acesso, perturba o que seria a ordem natural pregada pela igreja. Desta forma atrai as atenções do tribunal de Inquisição, que em primeiro momento o detém e o interroga mais no sentido de sanar suas “curiosidades” a respeito das interpretações que fez e dos livros que utilizou para chegar a tais conclusões do que para incriminá-lo. Dando ao leitor, no nosso exemplo Menocchio, liberdade criativa e criadora, para num segundo momento quando cessa ou esgota-se a “curiosidade” do tribunal incriminá-lo e julgá-lo, fazendo com que sirva de exemplo de que tipo de conduta é repreensível pela igreja apontando estratégias condicionantes, podemos citar como

<sup>50</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. p. 122/123. Difel, 1990

<sup>51</sup> Citado de: M. deCerteau – *Lire: un braconnage*, in: *L' invention Du quotidien*, I, Arts de Faire, Paris, Union Générales d' Editions, 10/18, 1980, pp. 279-296. No livro de Roger Chartier – *História Cultural*. Difel, 1990, p. 123.

<sup>52</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. p.123 Difel. 1990

exemplo a tortura pela qual ele é submetido durante os interrogatórios, que acabam por impor uma forma de agir, de pensar ou até de interpretar tais ou quais livros.

Desta forma, para Chartier o leitor é sempre orientado ou ainda “colocado numa armadilha”, pois encontra-se “inscrito no texto, mas por seu turno, este escreve-se diversamente nos seus leitores. Daí a necessidade de reunir duas perspectivas, freqüentemente separadas” (CHARTIER, 1990, p.123): 1) o estudo da maneira como os textos e os impressos servem de suporte aos leitores, como organizam a leitura que deles deve ser feita; 2) a recolha das leituras efetivas, captada nas confissões individuais ou reconstruídas à escala das comunidades de leitores.

Referindo-se à primeira perspectiva, destacamos a por muitas vezes desastrosa intervenção dos editores e impressores, podendo comprometer a compreensão de uma obra. Por um lado, levam a inscrição nos textos destinados a um vasto público; por outro lado ao modificar, ou reorganizar estes textos ele os condiciona, como já citado anteriormente. Com isso Chartier nos recorda vigorosamente de que “não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 1990, p. 127). E por isso nos aponta a necessidade da separação de dois tipos de dispositivos:

Os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e dos dispositivos que resultam da passagem a livro ou impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor ([...]) Parece-nos haver aí uma simplificação ilegítima do processo através do qual as obras adquirem sentido. Reconstituí-lo exige considerar as relações estabelecidas entre três pólos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera<sup>53</sup>.

Não nos falta exemplos para ilustrar esse processo editorial, os exemplares da Biblioteca azul (*Literatura de cordel*) tinha uma fórmula editorial que visava atingir os leitores mais numerosos e mais populares entre o começo do século XVII e os meados do século XIX. Estes exemplares não eram escritos para fins editoriais, e sim comerciais, daí o baixo preço e os materiais de nem tão boa

---

<sup>53</sup> CHARTIER, R. *História cultural*. Difel, p. 127. 1990

qualidade, consistiam em retirar do repertório dos textos já editados aqueles que lhes pareciam convir às expectativas e competências do vasto público que pretendiam atingir, daí também a comum rejeição encontrada em correspondências entre livreiros e leitores de melhor poder aquisitivo, especialmente num momento em que a posse de livros de boa qualidade e impressão denotava certo status.

Podemos usar como exemplo também a literatura de devoção e de exercícios religiosos, os romances, os contos de fadas e os livros de práticas. Entre o estabelecimento do texto e sua passagem a livro *de cordel* havia uma grande distância, pois a literatura *de cordel* consistia num trabalho de adaptação às capacidades de leitura dos compradores que tinham que conquistar, e que modificavam o texto relativamente.

Sobre estas adaptações podemos dizer que elas:

encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divagações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações e intercalares. Dividem os textos criando novos capítulos, multiplicando os parágrafos, acrescentando títulos e resumos. Censuram as alusões tidas por blasfematórias ou sacrílegas, as descrições consideradas licenciosas, os termos escatológicos ou inconvenientes. A lógica deste trabalho de adaptação é dupla: tem por fim controlar os textos, submetendo-os às exigências da religião e da moral da Contra Reforma, e pretende torná-los mais facilmente decifráveis por parte dos leitores inábeis<sup>54</sup>.

Há ainda na relação entre o texto, livro e compreensão uma segunda perspectiva que refere-se aos modos de leitura, neste caso os livros que não sofreram ou sofrem processos de mutilação editorial; no entanto são objetos de leituras contrastantes. Chartier reescrevendo o discurso de Pierre Bourdieu afirma que “um livro muda pelo fato de não mudar enquanto muda o seu modo de leitura” (CHARTIER, 1990, p.131).

Podemos citar como exemplos os contrastes entre a leitura em voz alta – para si ou para outros – e a leitura em silêncio, entre leitura do foro privado e leitura em praça pública, entre leitura sacralizada e leitura laicizada, entre leitura ‘intensiva’ e leitura ‘extensiva’, cada uma delas comportam gestos específicos, seus próprios usos do livro, o seu texto de referência, cuja leitura se torna arquétipo de todas as outras.

---

<sup>54</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. Difel, p. 129-130. 1990

“A caracterização é, portanto, indispensável a toda abordagem que vise reconstruir o modo como os textos podiam ser apreendidos, compreendidos, manejados” (CHARTIER, 1990, p. 132).

De acordo com Chartier a história sociocultural foi durante um longo período (pelo menos em França) pensada a partir das hierarquias das fortunas e de suas condições esquecendo que outras diferenças, fundadas nas pertenças sexuais, territoriais ou religiosas eram também plenamente sociais e susceptíveis de explicar, talvez, até de forma mais objetiva a oposição entre dominantes e dominados, a pluralidade das práticas culturais. Por ter ignorado estas diferenças, empréstimos e intercâmbios, por mascarar a multiplicidade das diferenças, por determinar a priori, a validade de uma delimitação que está precisamente por estabelecer o conceito de cultura popular, o autor a coloca em dúvida quanto a sua eficiência.

Chartier ainda pontua que:

Deve, igualmente, ser posto em dúvida o contraste durante muito tempo reconhecido entre todas as formas orais e gestuais da cultura dita tradicional e a área de circulação da escrita, manuscrita e depois impressa, delimitando uma cultura diferente, minoritária, reservada. A divisão levou a compartimentar as abordagens, separar a antropologia histórica – que, embora trabalhe com textos, ligou-se ao sistema de gestos, aos usos das palavras, dos dispositivos rituais – de uma história cultural mais clássica, dedicada à escrita, à sua produção e à sua circulação. Ora formulada deste modo, a oposição traduz muito mal as situações do período entre os séculos XVI e XVII, onde se imbricam meios de comunicação e múltiplas práticas<sup>55</sup>.

Isto posto, dizemos que estas imbricações, podem estar associadas à palavra – escrita ou pronunciada em voz alta – ou ainda, articuladas aos escritos e gestos, por exemplo, quando são produzidas práticas que funcionam como “manuais” de comportamento e conduta tidos como legítimos e úteis. Chartier cita as artes de bem morrer, os tratados de civilidade, os livros de práticas para demonstrar como esses “manuais” impõem aos indivíduos os gestos necessários ou convenientes. Assim, para além do que proposto pela história sociocultural, a história das práticas culturais deve considerar essas intricações e reconstruir trajetórias complexas, da palavra preferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora.

---

<sup>55</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. Difel, p. 136. 1990

Uma noção bastante central no trabalho estudado é a noção de apropriação, porque permite pensar nos empregos diferenciados, os usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas ideias. Para Chartier, a perspectiva de apropriação não renuncia identificar diferenças (e diferenças socialmente enraizadas), mas sim caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinada sociedade, reconstituindo desta forma as distâncias nas práticas, logo, do ato de ler. Nas palavras do autor:

Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que dele se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O ato da leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os componentes vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los. A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural<sup>56</sup>.

A noção de apropriação distancia-se do sentido que lhe dá Foucault em *A ordem dos discursos* e aproxima-se a de Pierre Bourdieu no que diz respeito ao estudo do gosto, da propensão e da aptidão para a apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada classe de objetos, ou de um determinado estilo de vida.

O que equivale a dizer que as suas diferenças são organizadas pelas estratégias de distinção ou de imitação e que os empregos diversos dos mesmos bens culturais se enraízam nas disposições do habitus de cada grupo.

Dá a seleção de dos modelos de compreensão para explicar os textos e as leituras. O primeiro põe em contraste disciplina e invenção, considerando estas duas categorias não como antagônicas, mas como sendo geridas a par. Todo o dispositivo que visa controle e condicionamento segrega táticas que o domesticam ou subvertem, não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos<sup>57</sup>.

<sup>56</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. Difel, p. 137. 1990

<sup>57</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. Difel, p. 137. 1990

Por isso é preciso reconhecer é o modo como se articulam as liberdades condicionadas.

Distinção e divulgação. Segundo Chartier este par de noções solidárias permite propor uma compreensão de articulação dos objetos ou dos modelos culturais que não a reduz a simples difusão, pensada geralmente como um movimento descendente na escala social.

Os processos de imitação ou de vulgarização são mais complexos e mais dinâmicos e devem ser entendidos, antes de mais, como letras de concorrência onde toda divulgação, concedida ou conquistada, produz imediatamente a procura de uma nova distinção. Por exemplo, quando o livro se torna um objeto menos raro, menos confiscado, menos distintivo pela sua simples posse, são as maneiras de ler que se encarregam de mostrar as distâncias, de manifestar diferenças socialmente hierarquizadas<sup>58</sup>.

Assim, para concluir:

As representações simplistas e imóveis da dominação social ou da difusão cultural devem ser substituídas, na esteira de Pierre Bourdieu, por uma maneira de entendê-las que reconhece a reprodução das distâncias no próprio interior de mecanismos de imitação, as concorrências, o seio das partilhas, a constituição de novas distinções em virtude dos próprios processos de divulgação<sup>59</sup>.

### 1.3 PRÁTICAS NÃO EXCLUSIVAS DOS LETRADOS

Nas décadas de 1880 e 1890 é possível afirmar que a leitura não é uma prática exclusiva dos letrados no Brasil.

A cidade de São Paulo, embora não possuísse todos os artifícios do Rio de Janeiro, mantinha uma produção literária considerável. Grande parte emanava das Arcadas, ou seja, de estudantes ou até de mestres da Faculdade de Direito de São Paulo.

Estas produções ora encontravam seu lugar em revistas, ora em jornais. Onde houvesse “simpatia pelas letras” ali estariam os poetas, renomados ou não.

---

<sup>58</sup> CHARTIER, R. *História Cultural*. Difel, p. 138. 1990

<sup>59</sup> Idem 30

Nas revistas e jornais pesquisados, o número de produções literárias é extenso, assim como o de poetas. No entanto são nomes que no decorrer dos anos são relegados ao esquecimento.

Os livros de crítica literária têm por hábito compilar alguns autores, colocando-os em “escolas literárias comuns”, por estes escritos se aproximarem em estética, métrica, temas, datas ou até mesmo as referências que os autores tinham como leitura (se liam os clássicos tais como Platão, Sócrates, etc, ou se inspiravam nos “novos europeus” tais como Byron ou Shakespeare.)

Porém neste processo de compilar obras, algumas eram deixadas de fora; ou por não se encaixarem numa destas escolas, ou por se encaixarem em várias delas. De qualquer forma são publicações que caem em desuso de uma crítica para a outra ou nos casos mais radicais, publicações que são completamente ignoradas mesmo que à época de seu lançamento atingissem um público extenso.

Buscando retomar alguns destes poetas que foram esquecidos, procuramos nas publicações do *Almanach Litterario* e das edições do jornal *O Correio Paulistano* algumas destas histórias.

Cabe, no entanto, reafirmar que não se trata aqui de opor ou inverter opiniões nem de incluir estes literatos nos manuais de crítica literária. Trata-se antes de compreender os mecanismos pelos quais se define o que é culturalmente válido ou não.

Nos estudos sobre o alfabetismo no Brasil muito se fala sobre uma maioria populacional iletrada, que não sabia escrever ou até mesmo assinar seu nome. No entanto, no que diz respeito à leitura, os dados deveriam ser outros.

A leitura, embora precária, expandia-se rapidamente. Os editores dos jornais e revistas tinham em mente atingirem estes leitores comuns, que fossem capazes de ao menos distinguir as letras ou associá-las. Por isso a escrita deveria ser simples e trazer na sua maioria alguma colaboração no cotidiano do leitor. Um exemplo é o *Almanach Litterario* de José Maria Lisboa, que trazia o itinerário, preços e horários das linhas férreas e o mapa da de São Paulo e interior.

Os jornais também davam suas contribuições porque com exceção dos conteúdos e notícias sobre a cidade de São Paulo e região também traziam páginas de “utilidade pública”, fossem as propagandas de produtos ou as propagandas de locais e serviços prestados. Normalmente as propagandas tinham letra maior e vinham ilustradas, permitindo ao leitor a associação da ilustração ao

produto ou empresa. Desta forma não necessariamente só os letrados tinham acesso a estes jornais e revistas.

Outro dado importante de se ressaltar são as práticas de leitura em família: o membro da família que tivesse conhecimento das letras ficava encarregado de ler, após o jantar, para os demais membros. Assim o gosto pela literatura e pelos folhetins, por exemplo, era facilmente introduzido aos membros da família. A escrita simples, de fácil compreensão possibilitava agradáveis horas de distração e, ainda no caso dos folhetins, os romances e mistérios deixavam no ar um efeito de suspense que incentivava a compra da nova edição que saía no dia seguinte, ou, para aquelas famílias que possuíam uma melhor condição econômica, a assinatura destes diários.

Mas o mundo da leitura não parava por aí. Além das leituras em família podemos destacar ainda os gabinetes de leitura. Estes possibilitavam que todos aqueles que tivessem o mínimo conhecimento das letras e de leitura pudessem mediante a pagamento acessar obras completas de poetas que encontravam nestas revistas e jornais ou os folhetins em forma de brochuras, não tendo a necessidade de esperar pelo próximo capítulo ou se submeter à leitura “picadinha”.

No caso dos jornais que publicavam os folhetins, há mais uma particularidade: Os “jornais emprestados”. Por exemplo: se dois jornais publicassem em suas edições folhetins variados, era possível se comprar apenas um deles e depois emprestar ou trocar com um vizinho ou amigo que tivesse o outro folhetim. O “empréstimo” era mais comum, pois mantinham o costume de guardar os exemplares para no final da história encaderná-los.

Em favor dos que escreviam poesias, sonetos, contos, etc, podemos dizer que a simpatia destes jornais para com a literatura beneficiava os autores, promovendo-os, tanto no caso dos que aspiravam à carreira literária quanto para os que desfrutavam temporariamente do mundo de letras até que concluíssem seus estudos e fossem exercer sua profissão. Ainda no caso dos escritores que não tinham pretensão de seguirem a carreira literária, mas pretendiam uma carreira política, por exemplo, a popularidade alcançada nos jornais lhes convinha.

Isto posto, coloca-se a questão: Se estes autores eram de fato lidos e reconhecidos pelo público leitor da época, quais os mecanismos que fizeram com que os mesmos despontassem para o anonimato?

Obtemos a resposta através da compreensão do sistema de produção, bem como da circulação dos bens simbólicos que definem e consolidam o que seria superior ou inferior, erudito e popular, e assim por diante.

### **Produção e Recepção**

Um autor, embora possua liberdade criativa em sua obra, ao mesmo tempo limita-se nela. São as instâncias de legitimidade que atuam sobre o *corpus* do trabalho, delimitando-o ou moldando-o. Então o autor pode escolher seu tema, enredo, cenário, no entanto deve reportar-se a algumas normas da escrita.

A “boa” escrita, neste caso, está relacionada a um campo de produção autodenominada erudita e produz ela mesma os critérios de avaliação dos seus produtos. Daí explica-se em partes o trabalho dos redatores e editores. Sua função primeira é lapidar as obras que recebem antes de distribuí-las a um público específico.

A escolha destas leituras não é aleatória pois elas respondem a instâncias determinadas por uma instituição que se estabeleceu enquanto elitista. Mas mesmo estas instâncias estão sujeitas a variações, pois as instituições estabelecem estes códigos de validação ou estas normas de acordo com sua posição e esta posição não é fixa.

Daí a necessidade de se buscar constantemente códigos de validação que os diferencie dos demais, estabelecendo parâmetros para distinguir quais os objetos de cultura popular e quais os de cultura erudita.

Ao passo que estes objetos de cultura erudita são apropriados pelo gosto do grande público, criam-se outros códigos de validação e de legitimidade onde são inseridos novos livros, novas músicas, novas artes, novas práticas.

Chegamos portanto na figura do crítico literário. Ora, dentro do gênero da literatura, que outra pessoa melhor aplicaria estes códigos de validação nas obras que o crítico?

Sendo assim, por um espaço de tempo a leitura feita de uma obra como um todo, considerando sua estética, seu tema e seus códigos de validação, é decisivo para enaltecê-la ou relegá-la ao esquecimento.

Antonio Cândido, no livro *Formação da Literatura Brasileira*, salienta sua posição enquanto crítico quando afirma que o seu livro procura:

definir ao mesmo tempo o valor e a função das obras ([...]) a dificuldade está em equilibrar os dois aspectos, sem valorizar indiretamente autores desprovidos de eficácia estética, nem menosprezar os que desempenharam papel apreciável, mesmo quando esteticamente secundários<sup>60</sup>.

Por ser um código de validação temporário, podemos constatar as exclusões e inclusões de autores no decorrer da história.

Se analisarmos a obra de José Veríssimo datada de 1925, é possível ainda reconhecer alguns autores dos jornais e revistas estudados pela proximidade temporal na qual o crítico escreve. Em Massaud Moisés e Brito Broca, datados da década de 1960, encontramos sugestões a respeito de quem foram e pequenas notas e indicações bibliográficas. Ao passo que nos aproximamos das últimas décadas do século XX, alguns dos autores colaboradores pesquisados deixam de aparecer dando lugar ou aos donos dos jornais e revistas, os quais passam a ser lembrados por seus empreendimentos. Ou ainda, quando lembrados, não são citados e apenas levam o “título” de “escritores secundários”, como os caracteriza Cândido, nas linhas abaixo:

homens quase sempre melhor realizados noutros setores, a fama não lhes vêm da literatura, que nesse período só apresenta interesse real na medida em que saímos das belas letras para entrar no jornalismo ou ensaio político-social<sup>61</sup>.

Contudo, cabe aqui ressaltar que os códigos de validação não são aplicados apenas por críticos literários. Fazemos o uso destes aqui como exemplo, mas poderíamos ir além. Dentro das instituições universitárias e de ensino superior, as leituras condicionadas e as normas são ainda mais perceptíveis. São exigidas normas de formatação para um texto de acordo com qual ou tal instituição, os termos aceitos são apenas os científicos e o que é “popular” é consentido apenas em conversas informais fora do ambiente de estudos. Os romances que não são, foram canonizados e as literaturas populares são lidas privadas e envergonhadamente.

---

<sup>60</sup> CÂNDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. p.9. Editora Itatiaia, 1975

<sup>61</sup> CÂNDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira*. p.201. Editora Itatiaia, 1975

Há também a discussão posta acerca de livros e autores que foram canonizados mais pela quantidade de exemplares vendidos do que por sua contribuição cultural, erudita, científica.

Confirmando desta forma, que há uma institucionalização do que deve ser lido ou considerado “boa” leitura.

Se nos termos de Produção temos toda uma discussão já posta, cabe aqui apresentar o segundo mecanismos, que refere-se à *recepção*.

O caminho que uma obra literária faz até chegar aos leitores é por vezes desastroso. Pode modificar o seu conteúdo e até mesmo sua significação. No entanto mesmo as obras que chegam “intactas” aos leitores não estão livres de diferentes interpretações.

A partir do momento em que possui o livro, o leitor se torna autor do mesmo, pois sua leitura estará condicionada aos códigos de validação que lhe foram impostos. A sua leitura ainda pode ser parcial e tendenciosa se levarmos em conta a sua instrução e conhecimento pelas letras, porque mesmo aqueles que sabem ler podem apresentar dificuldades para interpretar um texto, ou ainda apropriar-se dele e aproximá-lo de sua realidade dando a ele uma nova interpretação.

Assim a afirmação de Chartier que diz que “um livro muda pelo fato de não mudar enquanto muda o seu modo de leitura” (CHARTIER, 1990, p. 131.) parece-nos correta. A cada novo código de legitimação imposto, muda-se a forma de ler uma obra e muda-se a importância a ela atribuída, tornando possível que no decorrer de um século para o outro algumas leituras caiam em desuso e outras sejam reavaliadas.

## 2 NOTAS SOBRE O CORREIO PAULISTANO E O ALMANACH LITTERARIO

Visto que os capítulos anteriores foram reservados um, à escolha do tema, pautando-se na literatura dos que foram silenciados e nas práticas cotidianas que os qualificaram enquanto boêmios e “autores passadistas”, e dois, à contribuição dos teóricos e teorias que auxiliaram no entendimento desse processo qualitativo e distintivo na construção deste trabalho, apresentamos nas próximas páginas uma breve pesquisa sobre a história do Jornal *O Correio Paulistano*, abrangendo cerca de meio século de publicações até o momento que chamamos de Belle Époque e da revista *Almanach Litterario de São Paulo* que não possui tão extensa periodicidade tal como o *Correio Paulistano*, mas em termos literários é igualmente proeminente. Ambos são utilizados como fontes de pesquisa dos poetas que foram esquecidos, bem como relatam as práticas cotidianas e as modas, os gostos e os códigos de validação deste período. Também cabe lembrar que o jornal e revista escolhidos estão associados ao progresso econômico e civilizatório da cidade de São Paulo.

### 2.1 O CORREIO PAULISTANO

À época de sua função, ele foi o primeiro jornal independente não atrelado a um partido político ou a uma escola literária, o primeiro publicado diariamente em São Paulo e, por longo período de tempo, o primeiro a ser impresso em máquina de aço, abandonando o sistema manual de prelo de madeira que imprimia apenas 25 jornais por hora e demandava mão de obra escrava. A impressão tipográfica a prelo tinha como molde a prensa de vinho. A suspensão da placa, que não deveria girar, foi uma importante inovação. A semelhança com as prensas de vinho desta época é inconfundível. Com ajuda do torniquete da prensa, imprime-se a placa com o papel sobre os caracteres. Enquanto um artesão imprime, o outro aplica tinta nos caracteres, sempre de forma alternada. A prensa fornece uma face de texto muito mais homogênea do que a que os melhores escribas da época eram capazes de fazer manualmente. Segue abaixo imagem ilustrativa da máquina Alauzet ainda na forma de prelo, sem a utilização de vapor:



A Alauzet foi a primeira máquina de aço utilizada no jornal e possibilitava uma tiragem de setecentos números por dia, passando para a contagem de 850 quando passa a ser movida a vapor. Por isso o Correio Paulistano também é o primeiro jornal que montou oficinas a vapor; o primeiro que saiu às segundas feiras; o primeiro a ser impresso numa máquina rotativa e o primeiro a sair em grande formato. Foi o primeiro jornal matutino a estampar clichês e a contratar fotógrafos para seu corpo de redação, num momento em que as notícias ilustradas eram privativas dos “vespertinos escandalosos”, foi o segundo a usar linotipos e o terceiro a completar um cenário em plena circulação no Brasil.

No ano de seu lançamento (1854) houve o recenseamento realizado a mando de José Antonio Saraiva, presidente da província de São Paulo, que contou “15.253 almas”. Estudiosos da área acusaram erro na pesquisa e o presidente se defendeu alegando falta de orçamento para a correta operação censitária. Após estudos e comparações com outros censos trabalha-se hoje com o número de 22 mil habitantes para a época, a maioria analfabeta e escrava.

O ano de lançamento do jornal fora também o da chamada política de conciliação (1853-1868), um acordo proposto por D. Pedro II pelo qual governaram juntos conservadores e liberais, que arrefeceu a luta entre antigas agremiações. Os acadêmicos tratavam exclusivamente de filosofia, arte, literatura e direito.

O serviço tipográfico era caríssimo tanto para impressão de livros quanto de jornais. O jornal desde seu lançamento era impresso no tamanho 37x28cm e em papel florete, um tipo de papel em folha inteira, porém dobrável em três colunas, em princípio importado da Espanha. Diante da economia, das tendências literárias, sociais e políticas, o lançamento de um novo diário demonstrava audácia e vanguardismo. Embora a pergunta que se fizesse fosse como ou porque o *Correio Paulistano* daria certo em meio a este cenário, a resposta foi dada com clareza na edição de seu lançamento “(Lançamos) no intuito de fundar uma tribuna livre, aberta a todas as aspirações e a todas as queixas, sem restrições na esfera do pensamento religioso ou partidário.”. O *Correio Paulistano* estabelecia-se, portanto, como um jornal livre, num momento em que todos os jornais existentes representavam um partido político ou uma escola acadêmica.

Ainda no seu lançamento, Pedro Taques de Almeida Alvim (1824-1870) – Partido Conservador – é convidado pelo fundador do jornal, Azevedo Marques, para ser seu editor. Taques fica pouco, até 1856, mas durante sua estadia procura dar vida ao diário. O autor Paulo Duarte descreve Taques como “um boêmio altamente intelectualizado, um espírito a frente de sua época, e fez do *Correio Paulistano* o jornal mais aberto, moderno, tolerante e debatedor da tradicionalista cidade de São Paulo”. (DUARTE, 1972).

No decorrer dos anos foi inevitável que o jornal assumisse uma posição política e se mantivesse imparcial, pois como o próprio fundador do jornal escreveu em editorial, deixava a linha liberal para a conservadora por “circunstância de caráter financeiro” (CHAGAS, 2001 p.198)

Neste momento também, ainda devido às mesmas circunstâncias financeiras que o fizeram sair da imparcialidade, o jornal deixou de ser impresso diariamente só retornando a ser diário em 1858 após período de reorganização no qual recebeu a subvenção do governo.

Os anos que se seguiram confirmam que o jornal acompanhou as mudanças tecnológicas, atualizando-se sempre. Em 1860, chegou à tiragem de 450

exemplares desde o ano de lançamento, numa impressão num prelo de pau movido à mão escrava. Em 1863 foi a vez da primeira impressão numa Alauzet marca A que fez a tiragem subir de 450 para setecentos números, aposentando desta forma o prelo de madeira manual. Em 1869 a Alauzet passa a ser movida a vapor e a tiragem sobre para 850 exemplares.

Mais de vinte anos depois o jornal seria produzido na moderna “máquina de Marinoni”, consistia em uma máquina rotativa, inventada por Marinoni, que funcionava por meio de rotação de formas cilíndricas, em torno dos quais o papel enrolado em bobinas se desenrolava recebendo a impressão. “Houve romaria de todas as classes sociais para ver a impressão do jornal na nova máquina. O povo se apertava e se acotovelava nas oficinas e até nas portas da rua”. (SOUZA, 1904, p.56)

Segue abaixo a ilustração de uma Marinoni:



Entre os anos de 1866 e 1872, a *Secção Livre* tornou-se a mais importante e comentada coluna do jornal. Publicava reclamações dos leitores e debatia assuntos como filosofia, religião, direito, ciências, artes e letras. Os artigos eram assinados por pseudônimos ou iniciais. O redator do *Correio Paulistano* em 1866 era Américo de Campos, que assim como Pedro Tasque, também se sentia

pouco a vontade em relação a seu cargo em razão do seu revolucionarismo e combatismo políticos contrários ao governo do PP (Partido Progressista – composto por elementos moderados do Partido Conservador e do Partido Liberal).

A autora Ângela Thalassa narra uma das polêmicas ocorridas entre os anos em questão referente a Américo de Campos e o presidente da Província José Tavares Bastos. Conta que Azevedo Marques, o fundador do jornal, permitiu que o então redator Américo de Campos publicasse na *Secção Livre* uma reclamação assinada contra a polícia, por esta não agir quando o autor do artigo e o seu jornal foram atacados por um grupo de acadêmicos. O chefe de polícia era amigo íntimo de José Tavares Bastos e ameaçou (por escrito) suspender o contrato oficial entre o *Correio Paulistano* e a Assembleia Provincial “si continuasse a agazalhar na Secção Livre quaisquer artigos ou reclamações contra a polícia” (SOUZA, 1904, p.40). Sentindo-se ferido em sua dignidade, Azevedo Marques rompeu com quem chamou de “presidente prepotente”. O resultado fora o esperado: o contrato que havia sido lavrado por resolução votada na Assembleia foi arbitrariamente suspenso. José Tavares Bastos também recrutou funcionários do jornal para o serviço militar e para a Guerra do Paraguai<sup>62</sup>.

Em 1882, aproximando-nos da chamada Belle Époque de São Paulo, o jornal é vendido para o Barão de Iguape que demonstrava interesse no *Correio Paulistano* desde que foi chefe no *Diário de São Paulo*, colaborando inclusive com o jornal quando o mesmo foi perseguido pelo presidente da província. O jornal inicia então uma fase de moderna consolidação e progresso. Tal fase foi possível devido à injeção de recursos proporcionada pelo poder econômico do novo proprietário.

A partir de 1883 o jornal começou a ser publicado também às segundas feiras se tornando o primeiro jornal paulista realmente diário.

A sistemática perseguição ao jornal pelo Partido Liberal prosseguiu até 19 de agosto de 1885, quando os conservadores ascendem ao poder. Segundo Thalassa, pouco mais de um ano depois, o secretário da província, Estevam Leão Bourrol, assume a redação e, naturalmente, Azevedo Marques volta às oficinas. Desde que o partido conservador passou a mandatário do jornal, Azevedo Marques subia e descia do comando da redação de acordo com as passagens dos políticos

---

<sup>62</sup> Guerra do Paraguai (1865-1870).

no cargo, sendo, entretanto, sempre mantido por perto porque efetivamente era o único que entendia do processo de confecção de uma folha do início ao fim. Às vésperas da abolição, em 1887, ainda que atrelado ao Partido Conservador, o *Correio Paulistano* vivencia esse momento histórico intensamente, podendo advogar a abolição e participando do evento da histórica sessão no Teatro São José, promovido por Antonio Prado em 15 de dezembro deste ano, que teve influência na mudança legal que determinou o fim da escravidão no Brasil.

Cinco meses depois desta reunião saiu finalmente a decisão parlamentar que culminou na assinatura da lei. No encontro em questão, os barões e políticos presentes concluíram que a continuidade da escravidão os expunha a riscos da perda do poder. Poucos dias depois de promulgada a lei, há nova troca na redação do jornal. Desta vez saía Estevam Bourrol e entrava Paulo Egydio Oliveira Carvalho. Pouco antes da Proclamação da República, retorna ao poder o Partido Liberal e o *Correio Paulistano* explode em oposição, dificultando a conduta política e editorial.

Já em 1888 temos um exemplar do jornal que afirmava sobre a sanção que decretava a escravidão no Brasil, datando de 15 de maio de 1888, como segue em trecho abaixo:

CORREIO PAULISTANO  
S.Paulo, 15 de Maio de 1888

Ante-honetem foi sancionada a lei que decreta a extinção da escravidão no Brazil.

Oprojecto, consignado na Falla do Throno, passou em ambas as casas do Parlamento, em menos de uma semana, no meio de ovações e debaixo de uma chuva de flores.

Acaba o paiz de presenciar a maior revolução social e econômica, de que dão noticia os annaes da Historia Patria.

E essa revolução, ao envez do que se deu na antiguidade e nos tempos modernos, consummou-se sem derramar uma gotta de sangue. Sem arrancar uma lagrima de dôr!

As lagrimas que correram foram lagrimas de bençams e redempção, a orvalharem a mão augusta que acaba de abrir de par em par as portas da posteridade, ao lavar o decreto que declara que no Brazil só há homens livres e iguaes<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 15 de maio de 1888

Prosseguia ainda:

Sua Alteza a Serenissima Princesa Regente, em nome do Imperador, interpretou fielmente o pensamento dominante e capital do reinado fecundo de seu Augusto Pai, redimindo a raça proscripta, e assignando o áureo decreto que fez desaparecer de nossos Codigos o direito da Força para, em seu lugar, inscrever nas taboas santas da Lei, a força do Direito.

E, mais uma vez, como ao despontar do Christianismo na Roma pagan, - as inspirações do amor desfizeram as trevas de um passado, cuja legislação já se não adaptava ao nosso progresso moral e intelectual, da primeira das nações da America do Sul.

Honra seja a excelsa Regente do império! Save, Regina! Ave Mater!<sup>64</sup>

E na sessão que chamou de NOTAS A LAPIS<sup>65</sup> o autor do texto, Elysio Lara concluía:

Consummatum Est!

Gloria ao partido conservador!

Gloria á nação Brasileira!

Gloria a sua Alteza Princesa Imperial Regente:

Esta abolida a Escravidão no Imperio.

O dia 13 de Maio de 1888 é o complemento do dia 28 de Setembro de 1871.

Quem o diria?

A 28 de Setembro de 1885, os mais ousados davam dez anos de vida a negra instituição.

E era pouco.

Em Dezembro de 1887, os emancipadores pediam o prazo maximo de três annos.

Em Maio de 1888 enviou-se o decreto da abolição, *immediata* e *incondicional!*

E há ainda quem negue a interferência da Providencia nos destinos humanos!

Há quem negue a acção do Providencialismo na Historia da Humanidade!

Estes, com certeza nunca leram Bossuet nem Laurent, e ficam surdos a voz do Passado<sup>66</sup>.

<sup>64</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 15 de maio de 1888

<sup>65</sup> Sic, mantive a formatação original, como no jornal.

<sup>66</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 15 de maio de 1888

A composição do jornal era feita em quatro páginas e era dividido da seguinte forma:

Página 1 (um): Reservada para o que consideravam como “parte oficial”, seguido do que se chamava de “páginas volantes”, constituído por todo tipo de informação, que variava como o nome sugere, de acordo com “novidades” e necessidades da redação e da população. Ainda na primeira página havia uma sessão reservada a uma espécie de compilação de notícias dos outros jornais e revistas, ao qual nomeavam “revista nos jornaes” e a sessão dos “boletins”, que nesta edição de 1888 só diz respeito ao próprio processo de abolição.

Na página 2 (dois), damos destaque à já comentada “Secção Livre” que tinha publicações desde obituários, passando por uma declaração de mudança de nome até a despedida de uma das famílias da época que estava de mudança para a Europa. Em seguida encontrava-se a sessão “Editaes” e mais uma vez prevalecia informações diversificadas: informava sobre farmácia que havia conseguido sua licença junto à “inspectoría geral de hygiene”, leilão para quitação de dívidas de um finado, e leilão para divisão de herança, assim como escolha de peças de roupas para o depósito de artigos bélicos e prestação de serviços de balsa. Ainda é possível encontrar um edital de concurso e suas exigências.

As páginas 3 (três) e 4 (quatro) são destinadas a todo tipo de propaganda e serviços públicos comuns. Desde publicação de telegramas, endereços de consultórios médicos, salão de barbeiros, escritórios de advogados, anúncios de missas, sepultamentos, batismos e casamentos, compra e venda de propriedades bem como venda de roupas, comidas, vários medicamentos e produtos cosméticos.

A sessão *Litteratura* é publicada semanalmente às quintas feiras, motivo pelo qual não é mencionada nesta edição, publicada na terça feira.

Segundo Ângela Thalassa, em 1889, o *Correio Paulistano* foi a primeira folha a considerar o processo republicano irrevogável e a conclamar os antigos partidos a facilitarem a remodelação institucional do país, aderindo por palavras e atos. 1889 também foi o ano em que a redação viveu um dos seus melhores momentos. A tiragem que permanecia em 850 exemplares subiu para 1800, chegando rapidamente a marca dos 8500 exemplares em 1892 enquanto constava-se uma população estimada de setenta mil habitantes. A sede que havia mudado de endereço algumas vezes voltou a ficar localizada na Rua Quinze de

Novembro, porém, com novo número, 51. Passando a ser impresso na máquina Marinoni. Azevedo Marques viu seu jornal funcionar neste mesmo endereço até 1892, ano de sua morte. Em 1894 o jornal mudou-se para Rua São Bento, 35-C.

A partir de 1890, ele foi adquirido por um seletos grupo de republicanos históricos, entre eles o capitão Manuel Lopes de Oliveira, Victorino Gonçalves Carmilho, Jorge Ludgero de Cerqueira Miranda, Vladislau Herculano de Freitas, José Luiz de Almeida Nogueira, Carlos de Campos (editor-chefe por 25 anos), Luiz de Toledo Piza e Almeida, Wenceslau de Queiroz e Delphim Carlos. O jornal passa a ser o órgão oficial do PRP (Partido Republicano Paulista), posição deixada pela *A Província de São Paulo*. Nessa função o *Correio Paulistano* permaneceu até 1955.

## 2.2 ALMANACH LITTERARIO

O *Almanach Litterario de São Paulo*<sup>67</sup> é criado em um momento onde a comunicação e até mesmo a leitura não era de tão “livre acesso” como conhecemos hoje, e a posse de livros ainda era uma forma de distinção perante à sociedade e aos intelectuais da época.

Uma característica comum à época, que tratamos aqui por Belle Époque, os jornais e revistas iniciavam seu trabalho e não demorava até serem forçados a fecharem suas portas, devido a dificuldades financeiras que envolviam o processo de impressão e edição destes; por essas condições acabavam por interromper seus trabalhos.

Primeiramente falamos sobre o *Correio Paulistano* por ser um jornal promissor à cidade de São Paulo e agora voltamos nossa atenção para uma das revistas, o *Almanach Litterario de São Paulo*.

A escolha desta revista pode ser referida à vários aspectos. Pela regularidade: editado em oito volumes, de 1876 a 1885, com exceção dos anos de 1882 e 1883 (segundo Antonio Celso Ferreira não há notícias sobre as razões da interrupção da obra nos anos mencionados) foi uma das revistas com maior duração; pela quantidade e diversidade das matérias publicadas: abrangia desde textos poéticos, todas as expressões escritas mesmo as científicas e filosóficas até

---

<sup>67</sup> Em seu primeiro número foi apresentado como “Paulista”, designação alterada para “de São Paulo” nos demais.

matérias designadas à pura distração, tais como charadas, enigmas, piadas, etc; e pelo número considerável de autores, uns mais, outros menos conhecidos à época e à circulação em boa parte da província.

José Maria Lisboa, fundador do *Almanach Litterario*, nasceu em Portugal em 1838. Ainda moço transferiu-se para a cidade de São Paulo, em 1856, obtendo grande sucesso ao longo da vida, alcançando a inserção nos grupos de elite. Inicialmente trabalhou como tipógrafo, trabalho que lhe rendeu experiência para que pudesse ingressar na carreira jornalística na qual posteriormente se destacou como redator do jornal *Correio Paulistano*, entre outros jornais até fundar seu próprio jornal, o *Diário Popular*, em 1884.

Lisboa possuía os mais expressivos desejos de afirmação de uma identidade paulista, e encontrou no *Almanach Litterario* sua via de expressão. Segundo Antonio Celso Ferreira, os leitores que Lisboa tinha em mente para seu *Almanach* eram

nem tanto os homens ilustrados, eruditos e de gabinete, mas, preferencialmente, aquelas figuras empreendedoras e apressadas da capital e da hinterlândia, de poucas raízes, quem sabe novatas na terra e mal saídas das primeiras letras – diga-se de passagem, o homem típico da “conquista do oeste” –, para as quais a obtenção do conhecimento dava-se pela leitura rápida e, sobretudo, agradável<sup>68</sup>.

E ainda sobre a preferência do público leitor de Lisboa, Ferreira acrescenta que o fundador

compreendia que a modernização, pela qual passava a província, poderia repercutir favoravelmente no âmbito das letras e da imprensa, provocando a dilatação do universo de leitores e do próprio mercado editorial. Considerando ainda o aumento populacional, certo desenvolvimento, embora vagaroso, da educação formal, e mesmo a inclusão do público feminino entre os consumidores de livros, haja vista uma pequena taxa de alfabetização deste segmento<sup>69</sup>.

Por este motivo, Lisboa recorria às experiências dos almanaques europeus – reafirmando desta forma o movimento da Belle Époque que se inspirava em moldes, sobretudo, franceses – que eram conhecidos por angariarem grande

---

<sup>68</sup> FERREIRA, A. C. *Epopéia Bandeirante*. p. 37. Unesp, 2002

<sup>69</sup> Idem, 30.

popularidade desde o século XVII e pretendia entregar ao público “um livro curioso e interessante, escripto simplesmente por Paulistas e sobre assumptos da província” (ALSP, v.I) que se apresentasse como uma “modesta galeria das glorias passadas e presentes [...] de São Paulo, manifestadas nos feitos de seus filhos nos diversos ramos do conhecimento humano” (ALSP, v.III).

Com toda esta disposição e ciência do trabalho que estava realizando, reuniu as contribuições de diversos autores, ilustres ou ignorados, que se espalhavam pela capital e pelo interior. De uma perspectiva atual, estes autores podem ser lidos não como a simples crônica de uma época, mas como formas múltiplas de representações de uma sociedade que ia se afirmando enquanto capital cultural/simbólica.

O *Almanach* era composto por matérias sobre história, geografia, economia, sociedade, língua, costumes, lendas, produções artísticas e científicas. Além disso, incluía um grande número de matérias designadas à pura distração: charadas, epigramas, logogrifos, acrósticos, enigmas, piadas e casos humorísticos, isto tudo acrescido de uma série informativa que se repetia a cada volume – cômputo eclesiástico, estações do ano, eclipses, fases da lua, calendário, horários, percursos e preços das linhas férreas da província e de uma extensa quantidade de anúncios de propagandas ricamente ilustradas<sup>70</sup>. Com toda essa diversidade de informações, ainda era possível se encontrar, como era de se esperar, grande número de publicações de poemas, trovas populares (quase todas anônimas, colhidas por colaboradores interessados no assunto) e sonetos.

Não há menção de qualquer romancista da província, mas o clima literário da região emanava, como é óbvio das Arcadas. Na inexistência de cursos para tais estudos específicos literários ou academias e sociedades de letras para estimulá-los, os que aspiravam à carreira literária provinham ou do ramo jornalístico ou do direito. Em certas ocasiões, as atividades literárias aconteciam no grêmio estudantil de Direito ou eram realizados saraus literários, quase sempre em clubes ou mansões/chácaras.

Em relação aos mesmos autores, em seus estudos Ferreira afirma que

---

<sup>70</sup> Para mais detalhes ver *Epopéia Bandeirante* – Antonio Celso Ferreira

a grande maioria dos articulistas provinha das camadas sociais proeminentes: eram profissionais liberais, políticos, fazendeiros, muitos deles com atividades mescladas nesses dois setores e enriquecidos há poucas décadas, os que apresentavam ou eram apresentados como doutores somavam cerca de 70%, na sua quase totalidade bacharéis em Direito formados em São Paulo<sup>71</sup>.

Ainda segundo o autor, “as famílias das quais descendiam vinculavam-se, em muitos casos, à agricultura e ao comércio de gado, em suas várias gerações” (FERREIRA, 2002, p. 52). Daí o motivo de acrescentar a estes números os que ainda eram estudantes no Largo São Francisco, jovens nascidos nestes latifúndios mais antigos ou nas zonas desbravadas, mandados a capital para os estudos, e assim por diante e que participaram do almanaque durante seus os anos de circulação.

Originários desses mesmos grupos eram, portanto, aspirantes a elite. Não desconsideramos, entretanto, aqueles vindos de famílias de poucas posses, os quais, a exemplo do próprio editor, ascendiam socialmente pela instrução recebida, por meio do casamento ou do trabalho no comércio e nos jornais<sup>72</sup>.

Uma peculiaridade é a presença feminina no almanaque. Embora escassa, conta com a publicação de sete mulheres. O almanaque recebia as contribuições com satisfação e nos volumes em que há escritos femininos, estes são postos em relevo nos editoriais, como algo inusitado e exemplar visto que esta não era a posição corrente num momento em que ainda se discutia se as mulheres deveriam ou não receber a educação secundária. Ainda é possível acrescentar que, segundo os estudos de Ferreira:

O mundo das belas artes, em particular era reservado aos homens, considerados de espírito superior, refinados pela sensibilidade estética e pelas leituras eruditas. De acordo com o pensamento de muitos, esta não era a condição feminina, cujo repertório de leituras parecia reduzir-se aos folhetins rocambolcos, de baixa qualidade literária (diga-se de passagem, a maior parte de autoria masculina), que as arrastava da realidade, provocando delírios e exaurindo suas forças<sup>73</sup>.

---

<sup>71</sup> FERREIRA, A. C. *Epopéia Bandeirante*. p. 49. Unesp, 2002

<sup>72</sup> FERREIRA, A. C. *Epopéia Bandeirante*. p. 49. Unesp, 2002

<sup>73</sup> FERREIRA, A. C. *Epopéia Bandeirante*. p. 54. Unesp, 2002

Assim sendo, a presença feminina no *Almanach* revelava tentativas de incursão destas nas belas artes e no círculo restrito dos produtores de textos e permite o paralelo das formas e conteúdos literários, criados por homens e mulheres.

Havia, no entanto, esta resistência masculina, segundo Lisboa no que se referia aos cavalheiros da província, pois estes

exprimiam certa repugnância em escrever trabalhos literários. Ao contrário e apesar da vergonha de muitos em admiti-lo, eles não só liam e se embebiavam da literatura romântica, como também eram seus principais artífices e criadores de gosto<sup>74</sup>

Convém ainda, em defesa dos folhetins rocambolescos, afirmar que embora estes tivessem “baixa qualidade literária”, assim como os folhetins franceses, eram responsáveis pelo aumento nas tiragens e vendagens dos jornais. O livro de Marlyse Meyer sobre os *Romances Folhetins*<sup>75</sup> permite exemplificar o sucesso inegável destes romances, tanto que a autora os chama de “inexauríveis minas de ouro”. Estes folhetins, publicados no fim de páginas, eram sem dúvida um bom negócio para os donos dos jornais. Eles atiçavam a curiosidade dos leitores, não só leitoras, deixando-os ávidos pelos próximos exemplares. Meyer ainda sobre esse sucesso dos folhetins afirma que entre 1840 e 1850 já havia um corpo de leitores e ouvintes consumidores destes folhetins em número suficiente para interferir favoravelmente na vendagem do jornal que as publicavam e livros que as retomavam. É possível encontrar essas publicações folhetinescas de fim de página no jornal *O Correio Paulistano*, folha 2, em 1890, por exemplo.

A respeito dos poetas que encaminharam sonetos para o almanaque, Ferreira lista alguns dos mais notáveis, tais como José Bonifácio, Afonso Celso Júnior, Lúcio de Mendonça, Guerra Junqueiro, Bernardo Guimarães, Luiz Gama, Barros Júnior, Gonçalves Crespo, Vicente de Carvalho, Wenceslau de Queiroz, Hipólito de Camargo, Azevedo Sampaio, Barão de Ipiratininga, Basílio Machado, Miranda de Azevedo, José Leão e “mais uma série de poetas casuais” (FERREIRA, 2002, p. 56) ou esquecidos, por exemplo, André Nunes.

<sup>74</sup> FERREIRA, A. C. *Epopéia Bandeirante*. p. 55. Unesp, 2002

<sup>75</sup> MEYER, M. *Folhetim: uma história*. Companhia das Letras, 1996

Os últimos volumes do almanaque são frequentados por uma nova geração de publicistas e poetas, evolucionistas ainda embriagados de romantismo, que traziam em seus conteúdos questões sociais, políticas, em defesa do abolicionismo e da República, seguidores de doutrinas e autores distintos, mas unidos em teias inusitadas: Castro Alves, Augusto Comte, etc. Rebeldes no século da matéria, eles transformavam seus escritos em libelos contra as injustiças.

### 3 OS HOMENS DE LETRAS

A primeira pergunta que se faz quando se trata do tema da sublitteratura, e talvez a mais complexa de ser respondida é: quem são estes poetas esquecidos? Onde escreveram? E o que escreveram? Então, através da revista literária e de um jornal da época, podemos apresentar brevemente alguns destes poetas esquecidos.

A primeira se trata do *Almanach Litterário Paulista*. Este era trimensal e hoje disponibilizado nos acervos da Universidade de São Paulo e na biblioteca municipal Mário de Andrade, o exemplar do ano 1885, uma compilação das publicações trimestrais. Do *Almanach Litterário* temos um autor aqui exemplificado.

#### 3.1 JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA

Joaquim Xavier da Silveira Junior (1864-1912) nasceu em São Paulo, formou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi deputado durante a terceira e a quarta legislaturas, de 1897 a 1902, senador em 1912, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e presidente dos advogados. Chegou à prefeitura do Distrito Federal em outubro de 1901 por nomeação do presidente Campos Sales (1898-1902). Enfrentou graves problemas financeiros em sua administração, sendo substituído em setembro de 1902, pelo coronel Leite Ribeiro<sup>76</sup>, que assumiu o cargo interinamente até dezembro daquele ano.

O currículo do senhor Xavier da Silveira é sem dúvida notável, porém, falta-nos dizer que ele embora na política tenha obtido prestígio e possa até ser encontrado, o que pouquíssimo se encontra sobre ele é a respeito de sua carreira literária. Republicano e abolicionista, propagou suas ideias nos periódicos, *Correio da Manhã*, *Democracia* e *Gazeta de Notícias*. Em 1885 teve publicado no *Almanach Litterário* um de seus textos – *No álbum de D. Anna A. Soares* – que segue abaixo:

---

<sup>76</sup> ABRANCHES, D. *Governos e congressos da República dos Estados Unidos do Brasil - 1889 a 1917*. São Paulo, 1918.

No álbum de D. Anna A. Soares

A infelicidade me raia os seios d'alma  
 A fronte outr'ora erguida já pende para o pó!  
 A dor me vai matando – romeiro acabrunhado  
 É logo o meu caminho que eu venho sempre só!  
 Senti da infância ao sopro – um mundo de esperança  
 – Surgindo luminoso a prometer-me flôres,  
 E agora ao bafo ardente do sol da desventura  
 – Murcharam minhas crenças – ficou-me um mar de dores!

Quem pode no deserto – bohemio do infortúnio  
 – Olhar os horizontes e não se entristecer?  
 Ninguém, porqu' o deserto é vago, immenso, vasto  
 E faz o pensamento em se jamais se perder  
 O fogo do martyrio me queima a vida inteira  
 E morre a flor dos lábios o riso em embryão  
 Latejam-me as artérias – na febre do infortúnio  
 – O sangue é chamma ardente que abraza o coração.

Embalde na seleia procuro um lenitivo!  
 Desvia-se a atenção – captiva da desgraça!  
 Se busco uma esperança mas raias do futuro  
 – Lá mesmo no infinito um vulto negro passa!

Às vezes mo silêncio – de dor estatelado  
 – O mundo me parece um cemitério enorme,  
 Sem cruces, sem capella – coveiros e noute escura  
 Cadáver a esperança que para sempre dorme!

Maldita seja a sorte que quando nos esmaga  
 Permite que a razão conserve seu vigor  
 E – facho acceso, sempre projecte claridade  
 No fundo precipício cavado pela dor!<sup>77</sup>

Joaquim Xavier da Silveira.

### 3.2 Os OUTROS

Alguns poetas e poemas publicados não têm correspondência.  
 Dificultam até mesmo sua biografia. No entanto, embora permaneçam

Vicio e Virtude

O vicio e a virtude em luta forte  
 Tem ao peito a campanha dividida,  
 Está da parte do peccado a vida  
 Está da parte da virtude a morte

---

<sup>77</sup> *Almanach Litterário*, 1885.

A virtude e a razão da mesma sorte  
 Parciaes são na contenda repetida!  
 A virtude ao peccado vive unida  
 A razão a virtude tem por norte,

Senhor! Senhor! [...] nesta arriscada empresa  
 Vossa piedade de meu peito mude  
 Em valor firme, a natural fraqueza

Vosso favor imploro, elle me ajude,  
 Que se está pelo vicio a natureza  
 É bem que estejaes vós pela virtude

André Nunes da Silva

Enigma

Tem mui fácil decifração,  
 O enigma que aqui vês!  
 São sete letras, apenas,  
 Que podeis reduzir a três,

A terceira e mais a quinta-feira com prima e derradeira,  
 São eguaes, só a segunda  
 Não tem uma companheira

Temos agora a quarta e a sexta-feira que são eguaes, podeis crer!  
 Junte então as letras todas  
 E quatro syllabas vaes ver!

---

O conceito agora completa a brincadeira!  
 N'elle terás linda ave brasileira.  
 Limeira.

J. Raymundo de Camargo

Pensando a respeito do processo editorial destes jornais e revistas aqui abordados, pode-se afirmar que a arte literária é uma atividade constantemente presente na vida da sociedade de São Paulo.

Não é mistério que ela fosse responsável por grande parte do movimento de edição e impressão, e responsável também pelo aumento considerável de tiragens. São diversas as colunas do jornal dedicadas ao espaço literário *O Correio Paulistano*, por exemplo, que conta com uma variedade de artigos literários, sejam eles em forma de prosa, poesias, sonetos, contos, sem nos esquecermos dos folhetins. Abaixo seguem alguns dos autores “desconhecidos” que

diariamente deixavam sua marca entre os leitores. Os exemplares acessados datam dos anos de 1888 e 1890.

### 3.3 DR. PANGLOSS “NA RUA”

A coluna contava com um único cronista que se intitulava “Dr. Pangloss”. Não há confirmações que nos leve a conhecer a verdadeira identidade do cronista; no entanto, é possível supor que se tratasse de Wenceslau de Queiroz, pois este utilizou vários pseudônimos durante os dez anos em que contribuiu para o jornal. No entanto, embora sua identidade permaneça anônima, podemos ao menos conhecer sua preferência literária.

Dr. Pangloss é um personagem quase caricatural do livro *Cândido* de François-Marie Arouet ou simplesmente, Voltaire. No livro, o personagem tem uma exímia capacidade de criar histórias aparentemente plausíveis, porém não fundamentadas na realidade. Ainda no livro, no mundo de Dr. Pangloss nada acontecia sem um propósito determinado. Para ele não havia efeito sem causa e este mundo é o melhor possível dos mundos.

O personagem do *Correio Paulistano* é descrito também de forma quase caricatural. Sempre à Rua Quinze de Novembro (onde se encontrava a redação do jornal) usava uma gravata vermelha e monóculos, algumas vezes também era descrito por usar chapéu alto e *badine*, tendo sempre em mãos sua caderneta de anotações na qual registrava a moda e os costumes das elites femininas, como é o caso do exemplar publicado em 25 de Janeiro de 1890:

Quando passei pela rua *15 de Novembro*, essas lindíssimas damas conversavam á porta de uma loja de modas.

Trajava uma dellas *toillete en zephir bleu fantaisic garnie de dentelles blanches*, e trazia *chapeau en paille orné de plumes noires et de roses*. Vestia outra *toillete em mousseline blanche garnie de rubans rose*, e trazia *chapeau em paille noir orné de fleurs bleus et d'um voile*.

Essas formosíssimas damas são realmente encantadoras, já pela graça com que fallam, já pela sua correcção plástica.<sup>78</sup>

<sup>78</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 25 de janeiro de 1890

Já na edição de 1º de fevereiro também de 1890, há outra característica comum ao Dr. Pangloss de Voltaire. Narrando sua trajetória do momento que acordou até o momento de entrar em seu escritório, Pangloss descreve o “seu mundo” como o melhor dos mundos. Harmonioso e pacífico, fala sobre o Sol e os pássaros em tom poético e até um tanto romântico. Descreve a vizinha de forma gentil e educada mesmo ao som de seus arranhados como tenor já pela manhã e NA RUA em seu trajeto, ora descreve a modinha da época, ora aponta os estudantes boêmios à feira. Como mostra o trecho abaixo retirado do jornal.

O *Dr. Pangloss*, enquanto fitava o sol e a vizinha, julgava-se o homem mais venturoso que o céu cobre.

A alegria é a saúde da alma, opinam os higienistas.

E é mesmo, não há duvida. A prova é que a alma do *dr. Pangloss* gosa perfeita saúde, muito obrigado.

Depois de uma amanhecer tão alegre sahi a rua. Atravessei ruas e praças – tudo alegre. As carrancas dos burguezes abriram-se n’um sorriso largo, satisfeito; as moças passavam lépidas risonhas, trajando *toilettes* de cores; os rapazes caminhavam com entono bohemio de estudantes em férias.

E o *Dr. Pangloss*, até chegar ao escriptorio de trabalho, despendeu sorrisos aos transeuntes como confeitos([...]) *Dr. Pangloss* ao registrar as *toilettes* de hontem[...]

Vimos as seguintes:

De uma linda menina, de mãos pequenas, lábios de nácar, olhos azues, onde se espelhavam navriades de sonhos: vestia *toilette en voile blanc garnie de dentelle méme couleur et chapeau em paille orné de fleurs bleues*.

De uma encantadora joven de 16 annos, cujo olhar é dulcíssimo, tão meigo que nos faz pensar nos anjos: trajava *toilette bleue*. Trazia nas delicadas mãos um riquíssimo leque de madreperola.

De uma graciosa dama, elegante no andar e nos ademanes, olhos negros como dous trechos de treva de uma noite tormentosa: vestia *toilette en soie perl garnie de dentelle noire et chapeau em paille orné de plumes noires e d’un coile*.

Dr. Pangloss<sup>79</sup>

A coluna NA RUA e talvez o fato de usar um pseudônimo lhe dava certa autonomia para descrever e discutir sobre assuntos como o convinha. Por isso era comum que antes de iniciar sua descrição das modas e *toilletes* do dia passado, comentasse sobre algum episódio ocorrido ou fizesse uma auto reflexão, como no dia 6 de fevereiro em que afirmou que seu trabalho “contribuía para o apuramento

<sup>79</sup> Jornal O Correio Paulistano, 1º de fevereiro de 1890

da arte de vestir em São Paulo. Num outro momento revida o “nome feio” pelo qual foi chamado por outro colunista de outro jornal, denunciando-o.

Há também em sua coluna, como já mencionado, indícios de romantismo e poesia. A figura abaixo retirada do exemplar de 9 de fevereiro mostra um Dr. Pangloss inspirado e sensível com a chegada de um buque de rosas.

Venturosa Penna! Venturoso dr. Pangloss!  
 As fores, irmãs das estrellas, alegam-me o espírito. Quando aspiro o perfume de uma flôr, peuso estar escutando um trecho musical – valoroso ou suave, conforme é elle forte ou fraco.  
 O perfume da rosa, por exemplo, lembra-me os trechos marciaes de uma musica de guerra.  
 Deste modo, si a leitora ouvir soar nesta *rua* uma nota vermelha de clarim, não deve suppôr que sou um revolucionário. Culpe as rosas e quem m’as envien.  
 Misteriosa mão, fina e delicada mandou collocal-as sobre minha mesa de trabalho. Mão abençoada! Abençoadas rosas!<sup>80</sup>

Na coluna do dia 15 de fevereiro Dr. Pangloss descreve alguns dos hábitos da sociedade paulistana. Fala sobre as reuniões literárias nos salões e sobre a repercussão de sua coluna, especialmente entre as “damas”. Na figura do “mocinho” que é confundido com Pangloss pode-se pensar em um de nossos estudantes boêmios que, preocupados com a beleza estética da escrita, desdenham do colunista que embora arranhe versos vez ou outra, tem o foco do seu trabalho não na literatura, mas na moda.

Vejamos o trecho a seguir:

#### NA RUA

Alguns rapazes não podem aturar a prosa amena do *dr. Pangloss*. Dizem: “Não, não se deve admitir que o *dr. Pangloss* faça o seu pé de alferes perante o mundo elegante de S. Paulo. Quem diabo lhe encommendou o sermão? Anda a gente agora na penumbra sem ser visto nem notado. Nos salões só se palestra sobre *toilettes*, e a opinião do *dr. Pangloss* é a única acceita por todas as moças”.

N’um café, ainda ontem, meia dúzia de rapazelhos protestava contra o monopólio que o *dr. Pangloss* fazia Das *toilettes*.

Si vae a gente fazer uma visita, obtemperam elles affirma-se logo: “já sei que o sr. é o *dr. Pangloss*, pois não tinha certeza que escrevia com tanta elegância”.

O visitante pede em seguida licença para fumar um charuto. A família concede-lhe permissão. O visitante então pega immediatamente do charuto e fuma[...] de raiva.

Como estes casos, muitos outros têm-se dado nestes últimos dias.

<sup>80</sup> Jornal O Correio Paulistano, 9 de fevereiro de 1890

Num saráio dansante um mocinho foi interrogado:

- O sr. é o *dr. Pangloss*?
  - Não, minha senhora.
  - Ah!
  - Mas quem é o *dr. Pangloss*?
  - Não o conhece? Então não lê jornaes?
  - Todos os dias.
  - E o *Correio Paulistano*?
  - Leio também, mas [...]
  - Ah! Já sei [...] não gosta do *dr. Pangloss*[...]
  - Sim[...] mas [...]
  - Pois a minha leitura predileta é a secção do *dr. Pangloss no Correio Paulistano*.
  - Mas então lê essa secção[...]
  - Sim, leio-a, mas não aprecio apesar de todo o sucesso que tem feito.
  - Admirável!
  - Não tem nada que admirar.
  - Como o *dr. Pangloss*[...]
  - Perdão, minha senhora, eu [...] aprecio o *dr. Pangloss*; passemos, porém, a outro assumpto.
  - Não, não: este assumpto é o único do dia[...]
- O mocinho torceu os bigodes, mordeu os beiços, deu ainda duas voltas no salão, e fez a dama sentar-se, pretextando ligeiro incommodo.
- Depois desse facto, o mocinho co-([...])<sup>81</sup> contrario.
- Em S. Paulo não há uma elegante senhora que não tenha lido a secção – Na Rua.
- Pudera! No jornalismo paulist notava-se uma lacuna; vem o *dr. Pangloss* e preenche-a. Dahi a gratidão do mundo feminino. Uma secção de toilettes é imprescindível n'uma folha. O jornal deve agradar a todos – burguezes, litteratos, políticos industriaes, commerciantes, sábios, emfim, o mulhero. Até aqui tem-se occupado o jornal de tanta cousa, menos *toulettes*. Dali a explicação do sucesso alcançado pelo *dr. Pangloss*.<sup>82</sup>

Pode-se observar nessa primeira imagem, inclusive a caricatura de Dr. Pangloss que ilustra a coluna diária.

Na segunda parte, como citado anteriormente, presenciamos um “mocinho” e uma “dama” que permanecem anônimos, dialogando sobre o sucesso de Pangloss entre o público feminino e o desdém entre o público masculino.

Poderíamos dizer que há aí os dois fatores importantes da leitura de Chartier. A distinção e o condicionamento.

No universo feminino da moda, a leitura da coluna de Dr. Pangloss e a vestimenta de acordo com ela seria uma forma de se distinguir perante as demais

<sup>81</sup> Não foi possível identificar o trecho porque o documento possui rasuras.

<sup>82</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 15 de fevereiro de 1890

mulheres da sociedade, afirmando-se como senhoras elegantes. Por outro lado, entre os homens e jovens uma coluna de moda não era suficiente para denotar qualquer tipo de distinção intelectual, daí o desdém destes, que vão considerar como válidos os escritos sobre literatura, os artigos científicos, históricos, geográficos ou filosóficos bem como os escritos sobre leis e economia.

### 3.4 HOMERIM TOCA A “FLAUTA DE PAN”

Outro caderno diário reservado à literatura é intitulado *Flauta de Pan*. Localizado ininterruptamente no canto superior direito do jornal, sempre à primeira página e assinado por Homerim, consiste em duas partes, uma que seria a “introdução”, um breve trecho de poesia ou verso, traduzido de poetas renomados, tais como Byron ou Rousseau ou o próprio Homerim informando o que lhe inspirou tal poesia, se um relato cotidiano, se uma nota lida em outro jornal da província, ou um elogio ou reclamação retirado de algum caderno de notícias, etc. Em seguida, sua poesia. Consta-nos dentre os documentos coletados um número superior a duzentos exemplares que levam a contribuição de Homerim. Os poemas e/ou poesias de Homerim são sempre precedidos de um número o qual ajuda a identificar essa quantidade generosa de publicações. Um exemplo, em 6 de fevereiro: consta o número 170. A introdução fica por conta de uma nota de falecimento vinda da cidade de Campinas relatando o falecimento do Sr. Coisa, cunhado do Neves, que faleceu de febre amarela. Em seguida utiliza a notícia transformando-a em um poema com características satíricas mesmo diante de uma morte trágica.

#### FLAUTA DE PAN

170

Faleceu hoje pelas 7 horas da manhã victima da epidemia reinante, - febre amarella – atazo – adynabilsea – biliosa – hemorrhagica de forma anurica dos Países Baixos e conceituadíssimo cavalheiro o Sr. Coisa, cunhado do Neves fallecido ante-hontem.

Em disposição de ultima vontade, declarou o morto querer ser enterrado em S. Paulo a beira do Tamanduatehy.

O cadáver seguiu hoje no trem do meio dia, acompanhado pelo Estado sanitário e pelo vomito preto.

Pezames a toda família do Coisa.

(Da Cidade de Campinas)

Morreu o Coisa em Campinas  
Da cruel febre amarella;  
Ai! No mundo há tantas sinas  
Que a vida nos arrepella.

O ilustre e grande tinado  
É o cunhadinho do Neves,  
Que gosou, allucinado,  
Na vida, prazeres breves.

O Coisa morrer podia  
De outra coisa, de outra doença:  
Por exemplo: de alegria  
Ou de outra moléstia immensa.

Emfim serve esta sahida,  
Porque afinal nos consóla:  
A bola é mesmo uma vida,  
A vida é mesmo uma bola.

*Homerim*<sup>83</sup>.

Na edição de 15 de março *A Flauta de Pan* é duplamente citada. No início da primeira página aparece com uma nota, informando que uma leitora enviou à Homerim o que ele chamou de “mimosas quadrinhas”. O poema é postado como tal e leva a assinatura da leitora. Ver imagem abaixo.

“À FLAUTA DE PAN

Resoe a orchestra de aplausos,  
Rufe o tambor da alegria,  
Sõe a fanfarra de palmas,  
Que é grande e festivo o dia!  
Erguei um bravo, poetas,  
Vibrante, agudo, sem fim[...]  
Palmas trazei, vivas, flores,  
Ao delicioso *Homerim!*

Zalina Rolin”  
São Roque, 1890.<sup>84</sup>

Num segundo momento, ainda em primeira página do jornal, no canto superior direito, como de praxe o poema de Homerim.

Ainda a título de exemplo, em 20 de abril também de 1890, Homerim utiliza-se da poesia não só para relatar a denúncia encontrada no jornal *O Diário da*

<sup>83</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 6 de fevereiro de 1890

<sup>84</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 15 de março de 1890

*manhã* como também faz uso dela para construir uma bem humorada sátira sobre o ocorrido.

#### FLAUTA DE PAN

228

Chamamos a atenção de quem competir para o seguinte facto que reclama providencias muito sérias: um cidadão, indo hontem de dia servir-se da latrina publica da Praça Andrada, saiu de lá com as partes trazeiras horrivelmente queimadas, porque na bacoa fora derramada uma considerável porção de acido phenico cru.

(Do Diário da Manhã)

Francamente aqui lamento  
Tal individuo infeliz  
Que sofreu esse tormento  
Em lugar que não se diz[...]

Com essa dose tamanha  
De acido phenico cru,  
A dor deve ser estranha  
Ao companheiro do Fu[...]

*Homerim.*<sup>85</sup>

Não há registros sobre o nome Homerim, se foi atribuído a um homem ou uma mulher ou ainda, como no caso do Dr. Pangloss, era uma homenagem a algum escritor ou obra. A única suposição que podemos ter aqui é relacionada ao nome da coluna, que poderia ser uma homenagem ao deus pagão Pã, sua flauta de sete tubos representaria as sete notas da harmonia universal, e a fusão das formas animais com as formas humanas corresponderia ao carácter múltiplo da vida no universo.

### 3.5 TODA LYRA & WENCESLAU DE QUEIROZ

A coluna *Toda Lyra* foi publicada quase diariamente, e substituiu a coluna *Litteratura* que contava com o mesmo conteúdo entre os anos de 1888 e 1889.

Teve como redatores e colaboradores, Adolpho Araujo, Silvio de Almeida e Marinho de Andrade. Seu principal redator foi durante anos Wenceslau de Queiroz.

<sup>85</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 20 de abril de 1890

Wenceslau José de Oliveira Queiroz (1865-1921) nasceu em Jundiaí-SP, formou-se pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco e ingressou na magistratura, tornando-se juiz federal. Ainda na faculdade, Wenceslau reuniu muitos de seus trabalhos no livro *Rezas do Diabo*, publicado postumamente em 1939 pela *Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes*.

Como político, foi deputado de 1892 a 1894. Trabalhou com a imprensa durante seus anos de estudos na Faculdade de Direito, publicando quase que diariamente seus versos na coluna *Toda Lyra* do jornal *O Correio Paulistano*.

No dia 9 de março de 1890 foi publicada no jornal *Correio Paulistano* uma nota parabenizando Wenceslau por sua aprovação nas matérias do 4º ano; na nota que segue foi mantida a escrita da época:

Fez acto e foi approvedo nas matérias do 4ºano da Faculdade de Direito desta cidade o nosso redator litterario, o inspirado poeta, o eloqüente e espirituoso escriptor, o Wenceslau de Queiroz, enfim. Esse grato acontecimento realizou-se na quarta feira passada. O noticiarista do Correio Paulistano tem deixado de mencional-o, porque excessivamente modesto, não tem querido fallar de si. Hoje um collega de trabalhos, sem sciencia de Wenceslau, vem aqui tributar-lhe as homenagens de toda redação: Parabens, parabens ao intelligente 5ºannista!<sup>86</sup>

Exerceu por dez anos o cargo de redator-chefe no mesmo jornal e também escrevia crítica teatral.

Foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras e ocupou a cadeira de número 9.

Toda essa popularidade em São Paulo não garantiu, no entanto, um local de destaque na história da literatura brasileira. O que encontramos sobre o autor resume-se a pequenas notas, com sua bibliografia, *Goivos* (1883), *Versos* (1890), *Heróis* (1898), *Sob os olhos de Deus* (1901) e *Rezas do Diabo* (1939), como já citado, obra póstuma que segundo Massuad Moisés “evoluem do lirismo romântico para o simbolista, passando pelo parnasiano<sup>87</sup>”.

A título de curiosidade segue uma de suas várias contribuições a coluna do jornal *Correio Paulistano*.

<sup>86</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 9 de março de 1890.

<sup>87</sup> MOISÉS, M. *História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo*. Vol. II. p.207 São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix LTDA, 2001.

TODA LYRA  
A um grande morto

Na poesia celtica, uma lenda  
Conta que, apenas um heroe na guerra  
Morto, resuscitava numa terra  
Longinqua, numa placida vivenda  
Sobre uma ilha encantada-construida  
Onde, serena, lhe corria a vida.

De cobre as grimpas, de bronqueis cobertas,  
Se erguia uma aguia, de espalmada asas,  
- Negra, do azul cortando as leves gazas,  
Como atalaia as vastulões desertas  
Do mar, que vinha nas muralhas de ouro  
Quebrar de perolas o seu thesonro[...]

Era o palacio dos eleitos, era  
A silenciosa, a mystica morada,  
Onde uma doce e peregrina fada  
O heroe curava com bondade austera,  
Ungindo-lhe de balsamo sagrado  
As feridas do corpo ensanguentado.

Tal o recebe a Historia, onde a Justiça  
Ao seu glorioso espirito radiante  
Uma vida immortal e mais brilhante  
Imprime, dando-lhe uma nova liça,  
Como uma transfusão de alento novo  
Que desse a um corpo o coração de um povo!

Wenceslau de Queiroz<sup>88</sup>

Há ainda algumas colunas “temporárias” destinadas à literatura; podemos citar entre elas, a *Prosas Ligeiras* também assinada por Dr. Pangloss, *Fagulhas* que consta com a contribuição, em sua maioria, por cartas de leitores e poetas que permanecem anônimos, e *Pela vida Litteraria* utilizada para elogios a autores ou retratações de poesias publicadas erroneamente.

Na busca por uma sublitteratura, ou pelos poetas esquecidos, encontramos duas formas distintas de poetas que embora se pareçam no nome e em algumas atividades, levaram vidas bem diferentes.

<sup>88</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 23 de fevereiro de 1890

### 3.6 OS EDUARDOS DAS LETRAS & OUTROS

Por um lado, Eduardo Paulo da Silva Prado, nascido em uma das famílias mais abastadas de São Paulo, filho de Dona Veridiana da Silva Prado e Martinho da Silva Prado, nasceu em 27 de fevereiro de 1860 e faleceu a 30 de agosto de 1901.

Formado em direito na tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco, assíduo colaborador do jornal *Correio Paulistano*, assinava duas colunas, a de crítica literária e a de política internacional. Tinha como amigos Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, na época conhecidos por “o famoso grupo dos Vencidos da Vida”.

O autor tem quatro publicações importantes e uma póstuma, um deles o livro *Ilusão Americana* que teve sua primeira edição em 1893, foi apreendido pela polícia, em dezembro do mesmo ano, no dia do seu lançamento, exatamente uma hora depois de ser posto à venda. O livro hoje se encontra na sexta edição, publicada em 2000. Os outros livros são: *Viagens: A Sicília – Malta – o Egipto* (1886); *Fastos da ditadura militar no Brasil* (1890); *Annulação das liberdades políticas* (1897), e a obra póstuma, *Catalogue de la bibliotheque de Eduardo Prado* (1916).

Eduardo Prado ocupou a 40<sup>a</sup> cadeira da Academia Brasileira de Letras e também foi sócio correspondente da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro*. Ronald de Carvalho, em sua *Pequena história da Literatura Brasileira* e José Veríssimo em *História da Literatura Brasileira* o consideram um dos melhores publicistas, talentoso, ensaísta fecundo e original.

Massuad Moisés também reserva uma nota a Eduardo Prado, generosa se comparado ao espaço reservado a de Wenceslau de Queiroz:

deixou de sua meteórica passagem de homem viajado e culto a lembrança de alguém que desafiou os governantes com suas invectivas desabusadas. *Fastos da Ditadura Militar no Brasil* (1890), seis artigos estampados na *Revista de Portugal* (dez. 1889- jun. 1890) e reunidos em volume em 1890, combatendo o despotismo militar da república incipiente, foram confiscados por ordem superior. Idêntica sorte mereceu *A Ilusão Americana* (1893), por bater na mesma tecla: a ideia anti-republicana ([...]) Obra escassa, como se

vê, de quem “só se acerca de trabalho por dever, a uma solicitação urgente da consciência” como Eça agudamente observou<sup>89</sup>.

Sem a mesma sorte de Eduardo Prado, temos o “desconhecido”, ou “esquecido” Eduardo da Silva Chaves. Este participou assiduamente da coluna *Litteratura* do jornal *Correio Paulistano*, o mesmo que escrevia Eduardo Prado.

Diferente do primeiro, Eduardo Chaves não aparece em citações literárias, ou mesmo sobre publicistas, oradores e críticos<sup>90</sup>. Uma única informação registrada o classifica como sonetista. De informações biográficas e bibliográficas consta o ano de nascimento e morte, afirmando que nasceu na cidade de Bananal-SP em 5 de novembro de 1863 e faleceu a 15 de janeiro de 1893.

O que se pode afirmar é que durante o ano de 1888, Eduardo Chaves fez carreira no jornal *Correio Paulistano*, algumas vezes dedicando seus poemas aos *grands*, e em outras sendo ele próprio alvo das dedicatórias, como consta nos poemas retirados da sessão *Litteratura* do jornal.

Abaixo encontramos um texto onde o poeta faz referência a Olavo Bilac, seu conhecido poema – Ora (direis) ouvir estrelas! – A resposta, ou pedido do autor é Fiat Lux:

Fiat Lux (A Olavo Bilac)  
Ensina-me, poeta, a amar estrelas,  
Fallar-lhes, alta noute, attendo o ouvido;  
Janela aberta, a sós – comprehendei-as  
E das estrelas ser comprehendido.

Eu quero, como tu, estremecer-as,  
Dar-lhes toda minha alma, embevecido,  
Tudo o coração[...] Ouve-me o pedido:  
- Ensina-me poeta, a amar estrelas.

Embora, para amal-as, o mundano  
Amor devamos nós matar, tyranno  
A tal preço, feliz, sem dó eu mato-o:  
Pois, ellas são as únicas amantes  
Leaes da vida, as outras inconstantes  
Desaparecem como fogo fátuo.

1887 - Eduardo Chaves<sup>91</sup>.

<sup>89</sup> MOISÉS, M. *História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo*. Vol. II. p.210. Editora Pensamento – Cultrix LTDA, São Paulo, 2001.

<sup>90</sup> Tema do capítulo XVIII do livro de José Veríssimo – *História da Literatura Brasileira*.

<sup>91</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 12 de janeiro de 1888.

Fiat Luz também embora seja dedicada ao poeta Olavo Bilac faz menciona *Fogo fátuo*, obra de Coelho Neto.

Como dito anteriormente, o autor teve dedicado a si um poema no mesmo jornal; seu amigo, Costa Cruz, dedicou a ele um poema:

Amor Fatal (A Eduardo Chaves)

Cantei outr'ora alegremente, enquanto  
Teu rosto divinal não me sorria;  
Mas, depois que te vi, minha alegria  
Transformou-se em eterno e amargo pranto.

Ah! Bem cedo olvidaste o amor tão santo  
Que eu, como um louco consagrei-te um dia!  
Mulher, tu foste a campa horrenda e fria  
Que, para sempre, sepultou meu canto

Como eu sonhava outr'ora! [...] Quantos sonhos  
Dourados perpassaram-me na mente  
Alegrias, joviaes, puros, risonhos[...]

Porém agora é que minha alma sente  
A profundeza escura dos medonhos  
Abysmos de um amor que engana a gente.<sup>92</sup>

Costa Cruz

Outras poesias publicadas por Eduardo chaves:

### **Delírio**

Ao nosso amor desenfreado um dique,  
Mulher, ponhamos. Tóxico – envenena  
O amor e a gente para que não fique  
Mal, deve-lhe beber dose pequena:

Esta paixão, que ruge como hyena  
Faminta quer nos devorar. A pique  
Veja o nosso batel e nada acena,  
E nada que nos sabe e purifique

E vae crescendo o nosso amor e cada  
Hora vae mais segura e complicada  
Tornando a rêle a que nos enleiamos:

A culpa não é nossa[...] Bem queremos fugir  
É tudo em vão[...] Nós morremos  
Pois dae-me um beijo mais e então morramos!<sup>93</sup>

Eduardo Chaves

<sup>92</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 20 de abril de 1888.

<sup>93</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 2 de fevereiro de 1888.

### Syllaba Mágica

Daquelle sim consolador tremido  
 Por teus lábios, angélica menina,  
 Vive tão cheio, que não que o ouvi-lo  
 Mais as vozes do pássaro que tirma[...]

Gorgeio o ninho; geme a cavatina;  
 Resoe o que a harmonia produzido  
 Tem[...] que importa? Si disso tem vivido,  
 Hoje vive da syllaba divina.

Vive daquelle sim, que é todo côro  
 De esperanças, cantadas em lyras d'ouro,  
 Venturas que hão de vir ao peito ignotas

Vive daquelle sim, que, em summa, abrange  
 - O que a terra não canta, o céu não tange,  
 - Melodiosa synthese de notas[...]<sup>94</sup>

Eduardo Chaves

### Eugênio Leonel

A cidade de Faxina (hoje Itapeva) tinha seu jornal *O Sertanejo*; Augusto Piedade, fundador e homem de letras versado no jornalismo, colaborava como correspondente para o *Correio Paulistano* em 1885. Enfrentando muitas dificuldades para o seu custeio devido à falta de assinantes e de patrocínio, o jornal circulou até 1889, ano que a sociedade formada por Augusto Piedade e Álvaro Queiroz ganhou um novo integrante: o Dr. João Gurgel.

O novo grupo decidiu trocar o título do jornal. *O Sertanejo* encerrou o seu ciclo e nasceu *O Sul de São Paulo*, fundado em 15 de maio de 1889, com a proposta de ampliar seu raio de ação. Na equipe de redação atuavam o Dr. Álvaro Pereira de Queiroz, que era proprietário e redator, o Dr. João Gurgel, também proprietário e jornalista, Eugênio Leonel. Este passou a ser o “novo” velho correspondente do *Correio Paulistano*, pois quando ainda não estava vinculado ao *Sul de São Paulo*, participou ativamente da coluna *Litteratura*, tendo seus poemas semanalmente publicados.

<sup>94</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 3 de maio de 1888.

**A Imigração (Ao Sr. Conselheiro Antonio Prado, ex-ministro da Agricultura).**

América do Sula, abre teu seio  
Virgem, fecundo, ao gênio do estrangeiro!  
Tuas immensas mattas seculares  
São do rosco porvir, o pregoeiro!

Tão progidi te fora a Natureza  
Em dar-te, aos mil, degraus para o progresso  
Que cocaia ao ver ver-te amesquinhada  
Portas fechadas a quem te pede ingresso!  
[...] (continua)<sup>95</sup>

Eugênio Leonel

**O Peregrino**

Da profunda noite o véu  
A Natureza enlutava[...]  
Nem uma estrella no céu!  
Na escuridão trovejava!

Arrimado ao seu bordão,  
A sós, a sós – tacteava[...]  
Só avançando ao clarão  
Do raio que ribombava.

Até que enfim junto a ai  
Vê um allbergue e se achegou  
Su'alma alegre sorri

Pede, e o faz com humildade;  
Tudo tem que desejou[...]  
- Sublime és tú, *Charidade!*<sup>96</sup>

Eugênio Leonel

**Adelino Fontoura**

Adelino de Fontoura Chaves nasceu em Axixá (Maranhão) em 30 de março de 1859 e faleceu em Lisboa em 2 de maio de 1884. Destinado à carreira comercial e com vocação para o palco, veio, porém, para o Rio de Janeiro e dedicou-se à literatura e ao jornalismo. Foi mandado à Paris em 1883, como representante da *Gazeta da Tarde* de Ferreira de Menezes. Representou o *Gazeta*

<sup>95</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 22 de janeiro de 1888.

<sup>96</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 25 de fevereiro de 1888.

da *Tarde* junto ao *Correio Paulistano* também. Uma de suas poesias foi publicada postumamente em 1888.

**Musa Hodierna**  
**MYRRHA**

Nossa vida ao meu intimo suggére  
O episódio da pagina dantesca;  
E's a dolente e pálida Francesca  
Que os seus cantos de amor, triste, desfere

Possúes como a heroína de Alighieri  
Uma altiva belleza principesca;  
E's nervosa, vibrante e romanesca  
E só te falta um pouco de *savoir faire*

Por isso ao ver-te a sós, contemplativa,  
O Dante aberto ao collo, scismativa  
Nos profundos crepúsculos da tarde

Eu sinto que me enlaça este dilemma:  
- Ou plagiar o mágico poema,  
Ou morrer a teus pés como um cobarde<sup>97</sup>.

Adelino Fontoura

Eugênio Leonel, Costa Cruz, Eduardo Chaves, Wenceslau de Queiroz, entre outros, fizeram carreira enquanto poetas no *Correio Paulistano*, porém a carreira literária destes terminou quando finalizou um ciclo de boemia estudantil e jornalística e na maioria dos casos são lembrados mais pela importância que assumiram em cargos políticos e advocatícios.

---

<sup>97</sup> Jornal *O Correio Paulistano*, 05 de abril de 1888.

## CONCLUSÃO

### **Autopúblico num país sem público.**

A literatura que emanava das Arcadas e chegava até os jornais e revistas, pesquisas propõem a existência de mecanismos de legitimação no cerne do processo de produção e edição de uma obra, porém estes processos também dependem de quem as lê. Desta forma as leituras feitas em agremiações e saraus eram para além de uma maneira destes poetas divulgarem seus escritos uns para os outros, também uma forma de distinguirem-se enquanto elite cultural. A união leitor-leitura decidia os caminhos que um leitor percorreria e definia o sucesso ou insucesso de um autor.

É preciso lembrar que nenhum leitor lê somente sem antes interpretar ou apropriar-se do texto sem que estes mecanismos de legitimação lhe sejam impostos; por isso parte da leitura é condicionada e parte que não é pode ser “dissimulada”, uma vez que admitir o “desconhecimento” é também o não se encaixar nos padrões e normas pré-dispostos pela elite cultural, erudita/científica.

Assim, os consócios destas agremiações e saraus liam seus textos por pertencerem à elite, e os leitores dos jornais e revistas liam pelo desejo de se parecem com a elite.

Tendo em mente estes processos de legitimação, a partir do uso das fontes dos jornais e revistas este trabalho apreendeu seu objetivo demonstrando como estes poetas e autores “caíram em desuso”. Não foi necessário que se influísse mais que um século para que os códigos de validação tenham se transformado a tal ponto que as leituras destes jornais e revistas tenham sido desqualificadas e esquecidas.

Outra observação que pode ser feita sobre estes mesmos códigos de validação atuais é que eles foram os responsáveis pela inclusão de outros autores e poetas que à época não eram nem “populares” nem “bem vistos” socialmente.

Observou-se também que os mecanismos de legitimação existiam entre os próprios poetas. Na condição de poetas, a literatura e o gosto pelas letras os uniam, aproximando-os pelas similitudes culturais, mesmo que econômica e socialmente se distinguissem.

Podemos depreender, desta forma, que os poetas esquecidos talvez não tenham os códigos de validação necessários para legitimá-los nos dias atuais, e portanto, esse é o motivo de não constarem mais nas antologias literárias; no entanto, enquanto agentes culturais, estes poetas podem e auxiliam na análise historiográfica das práticas culturais bem como no estudo do gosto, costumes e modos no cotidiano do século XIX.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, D. **Governos e congressos da república dos Estados Unidos do Brasil – 1889 a 1917**. São Paulo, 1918.
- ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Fapesp; Campinas: ALB / Mercado das Letras, 2003.
- ABREU, M. (org.) **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: FAPESP; Campinas: ALB/ Mercado das Letras, 2000.
- AZEVEDO, A. **O Macário**. São Paulo: Editora Globo S/A, 2006.
- BOSI, A. **História concisa da literatura**. 1990.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. SP: Editora Perspectiva, 1982.
- BROCA, B. **Introdução ao estudo da literatura brasileira**. Enciclopédia Brasileira. Biblioteca de obras subsidiárias. Instituto Nacional do livro. Ministério da educação e da cultura. Rio de Janeiro, 1963.
- BROCA, B. “O que liam os românticos?” In *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos*. **Obras Reunidas** 1. pp. 96-116. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.
- BRUNO, E. S. (org.) **São Paulo terra e povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1967.
- BURKE, P. **Variedade da história cultural**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CANDIDO, A. **Educação pela noite**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. (Momentos decisivos). 5ª edição, 2 volumes. São Paulo: EDUSP [Belo Horizonte]: Editora Itatiaia, 1975.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia. ed. Nacional, 1985.
- CANDIDO, A. e CASTELLO, J. A. **Presença da literatura brasileira II: romantismo, realismo, parnasianismo e simbolismo**. 3ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.
- CHARTIER, R. **História cultural**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro, 1990.
- CHARTIER, R. (org.) **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- DANON, D. São Paulo: “**Belle Époque**”. SP: Editora Nacional, 1974.
- DARNTON, R. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime**. Tradução de Luís Carlos Borges. SP: Companhia das Letras, 1987.
- DARNTON, R. **Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII**. Tradução de Myriam Campello. SP: Companhia das Letras, 1992.

- DENIPOTI, C. **Páginas através da leitura no início do século**. Campinas: Editora Unicamp, 1999. *de prazer - a sexualidade*
- DIAS, M. O. L. S. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. SP: Brasiliense S.A., 1984.
- FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. RJ: Difel, 1977.
- FERREIRA, A. C. **A Epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: editora UNESP, 2002.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. 10ª ed. SP: Companhia das Letras, 1998.
- HARA, T. **Saber noturno: uma antologia de vidas errantes**. Campinas, 2004.
- HOBBSAWN, E. **A Era dos Impérios – 1875-1914**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HOBBSAWN, E. Dentro e fora da História. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOMEM, M. C. N. Higienópolis: grandeza e decadência de um bairro paulistano. Editora: Departamento do patrimônio histórico, divisão do arquivo histórico. **História dos bairros de São Paulo**. v.17: Higienópolis, 1980
- HUNT, L. **A nova história cultural**. SP: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leizao et. al. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1992 (repertórios).
- LYONS, M. e LEAHY, C. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- MICELI, S. (org) **Pierre Bourdieu**. SP: Editora Ática. Série Sociologia.
- MOISÉS, M. **A Literatura em São Paulo**, in: *São Paulo Terra e Povo*, 1967.
- NEEDELL, J. D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. SP: Companhia das Letras, 1993.
- RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. RJ: Paz e Terra, 1985.
- SCHAPOCHNIK, N. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In BRESCIANI, S. **Imagens da cidade: séculos XIX e XX**. ANPUH/São Paulo, Marco Zero/FAPESP, 1993, pp. 147-162.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª edição. SP: Brasiliense S.A., 1985.
- SOUZA, A. **Memória histórica sobre o correio paulistano**. São Paulo: Typografia a vapor Rosenhain & Meyer, 1904.

VERÍSSIMO, J. **História da literatura brasileira**. Rio Janeiro, 1916.

### **DISSERTAÇÕES:**

THALASSA, A. **Correio paulistano**: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da semana de Arte Moderna (Mestrado em Comunicação e Semiótica PUC/SP, São Paulo 2007.

### **ARTIGOS EM PERIÓDICOS:**

COELHO, O. P. A expansão do sentimento nacional na Revista da Sociedade Filomática. **Revista de Letras/200** 20:21-31. São Paulo, 1980.

### **PERIÓDICOS CONSULTADOS**

*Correio Paulistano*

*Almanach Litterario*

### **CONSULTA A JORNAIS MICROFILMADOS**

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Biblioteca Municipal de São Paulo “Mário de Andrade”

Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo São Francisco – USP

### **SITES:**

<[http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/historia/prefdf/xavier\\_silveira.html](http://www.alerj.rj.gov.br/memoria/historia/prefdf/xavier_silveira.html)> Acesso em: 26/11/2005 às 14h09min: 18

<<http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/eduardoprado.htm>> Acesso em: 14/09/2006 às 16h35min: 05

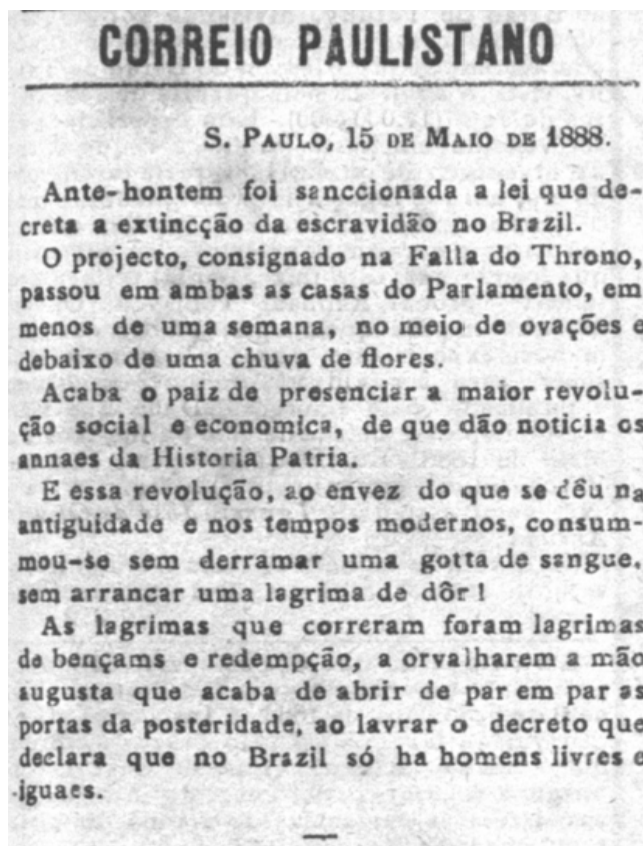
<<http://www.alfaomega.com.br/ilusao-americana.php>> Acesso em: 14/09/2006 às 16h43min:19

<<http://www.ihgb.org.br/ihgb23.php>> Acesso em: 01/12/2005 às 13h00min: 56.

<<http://tipografos.net/tecnologias/maquinas-antigas.html>>

## **ANEXOS**

ANEXO A – Correio Paulistano, 15 de maio de 1888



## ANEXO B – Correio Paulistano, 15 de maio de 1888

Sua Alteza a Serenissima Princeza Regente, em nome do Imperador, interpretou fielmente o pensamento dominante e capital do reinado fecundo de seu Augusto Pai, redimindo a raça proscripta, e assignando o aureo decreto que fez desaparecer de nossos Codigos o direito da Força para, em seu lugar, inscrever nas taboas santas da Lei, a força do Direito.

E, mais uma vez, como ao despontar do Christianismo na Roma pagan,—as inspi ações do amor desfizeram as trevas de um passado, cuja legislação já se não adaptava ao nosso progresso moral e intelectual, da primeira das nações da America do Sul.

Honra seja á excelsa Regente do Imperio !  
*Salve, Regina ! Ave Mater !*

ANEXO C – Correio Paulistano, 15 de maio de 1888

**NOTAS A LAPIS**

---

**Consummatum est!**

Gloria ao partido conservador !  
Gloria á nação Brasileira !  
Gloria á Sua Alteza a Princeza Imperial Re-  
gente !  
Está abolida a escravidão no Imperio.  
O dia 13 de Maio de 1888 é o complemento  
do dia 28 de Setembro de 1871.

—

Quem o diria ?  
A 28 de Setembro de 1885, os mais ousados  
davam dez annos de vida á negra instituição.  
E era pouco.  
Em Dezembro de 1887, os emancipadores pe-  
diam o prazo maximo de tres annos.  
Em Maio de 1888 lavrou-se o decreto da abo-  
lição, *immediata e incondicional !*

—

E ha ainda quem negue a interferencia da  
Providencia nos destinos humanos !  
Ha quem negue a acção do Providencialismo  
na Historia da Humanidade !  
Estes, com certeza, nunca leram Bossuet  
nem Laurent, e ficam surdos á voz do Passado.

—

ANEXO D – Correio Paulistano, 25 de Janeiro de 1890

Quando passei pela rua 15 de Novembro, essas lindissimas damas conversavam à porta de uma loja de modas.

Trajava uma dellas *toilette en zephir bleu fantaisie garnie de dentelles blanches*, e trazia *chapeau en paille orné de plumes noires et de roses*. Vestia outra *toilette em mousseline blanche garnie de rubans rose*, e trazia *chapeau en paille noir orné de fleurs bleus et d'un voile*.

Essas formosissimas damas são realmente encantadoras, já pela graça com que fallam, já pela sua correção plastica.

ANEXO E – Correio Paulistano, 1 de fevereiro de 1890.

O *dr. Pangloss*, enquanto fitava o sol e a vizinha, julgava-se o homem mais venturoso que o céu cobre.

A alegria é a saúde da alma, opinam os higienistas.

E é mesmo, não ha duvida. A prova é que a alma do *dr. Pangloss* goza perfeita saúde, muito obrigado.

Depois de um amanhecer tão alegre sahi á rua. Atravessei ruas e praças — tudo alegre. As caracas dos burguezes abriam-se n'um sorriso largo, satisfeito; as moças passavam lépidas, risonhas, trajando *toilettes de cor*; os rapazes caminhavam com entono bohemio de estudantes em ferias.

E o *dr. Pangloss*, ate chegar ao escriptorio de trabalho, despendeu sorrisos aos transeuntes como confeitos. por mais havia o dr. Pangloss de registrar as *toilettes de hontem...*

Vimos as seguintes :

De uma linda menina, de mãos pequenas, labios de nácar, olhos azues, onde se espelham myriades de sonhos: vestia *toilette en voile blanc garnie de dentelle même couleur et chapeau en paille orné de fleurs bleues*.

De uma encantadora joven de 16 annos, cujo olhar é dulcissimo, tão meigo que nos faz pensar nos anjos: trajava *toilette bleue*. Trazia nas delicadas mãos um riquissimo leque de madreperola.

De uma graciosa dama, elegante no andar e nos ademanes, olhos negros como dous trechos de treva de uma noite tormentosa: vestia *toilette en soie vert garnie de dentelle noire et chapeau en paille orné de plumes noires e d'un voile*.

*Dr. Pangloss.*

ANEXO F – Correio Paulistano, 9 de fevereiro de 1890

Venturosa penna! Venturoso *dr. Pangloss*!

As flores, irmãs das estrellas, alegam-me o espirito. Quando aspiro o perfume de uma flôr, penso estar escutando um trecho musical—valoroso ou suave, conforme é elle forte ou fraco.


O perfume da rosa, por exemplo, lembra-me os trechos marciaes de uma musica de guerra.

Deste modo, si a leitora ouvir soar nesta rua uma nota vermelha de clarim, não deve suppôr que sou um revolucionario. Culpe as rosas e quem m'as enviou.

Mysteriosa mão, fina e delicada, mandou collocal-as sobre a minha mesa de trabalho. Mão abençoada! abençoadas rosas!

ANEXO G – Correio Paulistano, 15 de fevereiro de 1890

## NA RUA



Alguns rapazes não podem aturar a prosa amena do *dr. Pangloss*. Dizem : « Não, não se deve admitir que o *dr. Pangloss* faça o seu pé de alferes perante o mundo elegante de S. Paulo. Quem diahe lhe encomendou o sermão? Anda a gente agora na penumbra sem ser visto nem notado. Nos salões só se palestra sobre *toilettes*, e a opinião do *dr. Pangloss* é a única aceita por todas as moças.»

N'um *café*, ainda hontem, meia duzia de rapazinhos protestava contra o monopólio que o *dr. Pangloss* faz das *toilettes*.

Si vae a gente fazer uma visita, obtemperam elles, afirma-se logo: « Já sei que o sr. é o *dr. Pangloss*, pois não tinha certeza que escrevia com tanta elegancia».

O visitante pede em seguida licença para fumar um charuto. A familia concede-lhe permissão. O visitante então pega immediatamente do charuto e fuma... de raiva.

Como estes casos, muitos outros têm-se dado nestes ultimos dias.

Num sarão dansante um mocinho foi interrogado :

— O sr. é o *dr. Pangloss* ?

— Não, minha senhora.

— Ah !

— Mas quem é o *dr. Pangloss* ?

— Não o conhece ? Então não lê jornaes ?

— Todos os dias.

— E o *Correio Paulistano* ?

— Leio-o tambem, mas...

— Ah ! já sei... já sei... não gosta do *dr. Pangloss*...

— Sim... mas...

— Pois a minha leitura predilecta é a secção do *dr. Pangloss* no *Correio Paulistano*.

ANEXO H – Correio Paulistano, 15 de fevereiro de 1890

—Mas então lê essa secção...

—Sim, leio-a, mas não a aprecio, apesar de todo o successo que tem feito.

—Admiravel!

—Não tem nada que admirar.

—Como? o *dr. Pangloss*...

—Perdão, minha senhora, eu... aprecio o *dr. Pangloss*; passamos, porém, a outro assumpto.

—Não, não; este assumpto é o unico do dia...

O mocinho torceu os bigodes, mordeu os beiços, deu ainda duas voltas no salão, e fez a dama sentar-se, pretextando ligeiro incommodo.

Depois desse facto, o mocinho contrariou.

Em S. Paulo não ha uma elegante senhora que não tenha lido a secção—*Na rua*.

Pudera! No jornalismo paulista notava-se uma lacuna; vem o *dr. Pangloss*, e preenche-a. Dahi a gratidão do mundo feminino.

Uma secção de *toilettes* é imprescindivel n'uma folha.

O jornal deve agradar a todos—burguezes, litteratos, politicos, industriaes, commerciantes, sabios, emfim, o mulherio.

Até aqui tem-se occupado o jornal de tanta cousa, menos de *toilettes*.

Dahi a explicação do successo alcançado pelo *dr. Pangloss*.

ANEXO I – Correio Paulistano, 6 de fevereiro de 1890

**FLAUTA DE PAN**

170

Falleceu hoje, pelas 7 horas da manhã vítima da epidemia reinante, — febre amarella-ataxo-adynâmica-biliosa-hemorrhagica de forma aurica dos Paizes-Baixos, o conceituadissimo cavalheiro o sr. Coisa, cunhado do Neves, fallecido ante-hontem.

Em disposiçao de ultima vontade, declarou o morto querer ser enterrado em S. Paulo a beira do Tamanduaty.

O cadaver seguiu hoje no treco do meio dia, acompanhado pelo Es. do sanitario e pelo vomito preto.

Peçamos a toda a familia de Coisa.

*(Da Cidade de Campinas)*

**Morreu o Coisa em Campinas**  
**Da cruel febre amarella ;**  
**Ai ! no mundo ha tantas sinas**  
**Que a vida nos arrepella.**

**O illustre e grande tinado**  
**E' cunhadinho do Neves,**  
**Que gosou, allucinado,**  
**Na vida, prazeres breves.**

**O Coisa morrer podia**  
**De outra coisa, de outra doença :**  
**Por exemplo : de alegria**  
**Ou de outra molestia immersa.**

**Emfim serve esta sahida,**  
**Porque afinal nos consola :**  
**A bóla é mesmo uma vida,**  
**A vida é mesmo uma bóla.**

*Homerim.*

ANEXO J – Correio Paulistano, 15 de março de 1890

**« A' FLAUTA DE PAN**

Resôe a orchestra de applauscs,  
Rufe o tambor da alegria,  
Sôe a fanfarra de palmas,  
Que é grande e festivo o dia !

Erguei um bravo, poetas,  
Vibrante, agudo, sem fim...  
Palmas trazei, vivas, flôres,  
Ao delicioso *Homerim* !

**ZALINA ROLIM. »**

**São Roque, 1890.**

ANEXO K – Correio Paulistano, 20 de abril de 1890

## FLAUTA DE PAN

228

Chamamos a atenção de quem competir para o seguinte facto que reclama providencias muito sérias: um cidadão, indo hontem de dia servir-se da latrina publica da Praça Andrada, sahio de lá com as partes trazeiras horrivelmente queimadas, porque na bacia fóra derramada uma consideravel porção de acido phenico cru.

(Do Diário da Manhã).

Francamente aqui lamento  
 Um indivíduo infeliz  
 Que soffreu esse tormento  
 Em lugar que não se diz...

Com essa dose tamanha  
 De acido phenico cru,  
 A dor deve ser estranha  
 Ao companheiro do Fu...

*Homerim.*

ANEXO L – Correio Paulistano, 23 de fevereiro de 1890

## TODA LYRA

### *A um grande morto*

Na poesia celtica, uma lenda  
Conta que, apenas um heroe na guerra  
Morto, resuscitava numa terra  
Longinqua, numa placida vivenda  
Sobre uma ilha encantada—construida  
Onde, serena, lhe corria a vida.

De cobre as grimpas, de broqueis cobertas,  
Se erguia uma agula, de espolmadas azas,  
—Negra, do azul cortando as leves gazas,  
Como atalala as vastidões desertas  
Do mar, que vinha nas muralhas de ouro  
Quebrar de perolas o seu thesouro.

Era o palacio dos eleitos, era  
A silenciosa, a mystica morada,  
Onde uma doce e peregrina fada  
O heroe curava com bondade austera,  
Ungindo-lhe de balsamo sagrado  
As feridas do corpo ensanguentado.

Tal o recebe a Historia; onde a Justiça  
Ao seu glorioso espirito radiante  
Uma vida immortal e mais brilhante  
Imprime, dando-lhe uma nova liça,  
Como uma transfusão de alento novo  
Que dêsse a um corpo o coração de um povo!

WENCESLÁU DE QUEIROZ.